

1541

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

NESSA EDIÇÃO

**Arte contemporânea
e Arthur Danto:
um diálogo necessário**

Patrícia Yunes | pág. 11

**Poematéria
Arquitetura da palavra**

João Diniz | pág. 20

**Por que RABANADA?
Uma memória calórica +
tutti sabati e domeneche**

Angelina Quaglia | pág. 46

**O hibridismo cultural
à mesa Natalina**

Juliana Rampim | pág. 38

**A dor que minha alma não
quer revelar e 7 passos
para me descobrir**

Maria Helena Costa | pág. 50

**Filosofando
Perguntas ao vento**

Eduardo Oyakawa | pág. 57



PARABOLOIDE

Caros leitores,

Nessa última edição do ano de 2022, esperamos que nossos leitores estejam felizes com a produção anual da revista, e desejamos que continuem, assim como nós, desejosos por um 2023 repleto de realizações, e novas publicações na REVISTA 15.47.!

Este foi, sem sombra de dúvidas, um ano de inúmeros desafios em nossas vidas, reviradas pelo final de pandemia, início de endemia, troca de governo, desafios e realizações pessoais. Entretanto, pudemos viver a grandeza e a beleza da força humana, e de nossa criatividade como equipe, sempre orgulhosa de nossas produções, compondo uma família literária singular, agregando aos leitores (e com os leitores), o que mais desejamos passar, o conhecimento!

Esta edição foi pensada com carinho, para finalizar o ano de 2022, e iniciar 2023 com desejo de boas novas, e leituras estimulantes. Nela estão presentes temas como, a arte contemporânea, um bela entrevista com uma artista local repleta de histórias e conhecimento, memórias que nos tornam quem somos, sejam estas urbanas ou gastronômicas, dentre tantos outros temas importantes.

Mais uma vez, convidamos vocês para apreciarem as belas matérias, e esperamos que gostem daquilo que preparamos.

Para a nossa equipe, sempre sensacional e FANTÁSTICA, segue, mais uma vez, um especial agradecimento. Pertencer a um grupo tão singular e querido, composto por pessoas com sofisticação, delicadeza ao lidar com os contratempos e tão querida, é a motivação diária que precisamos para seguir, e pela qual podemos afirmar que o ano de 2023 será ainda mais grandioso! Meu mais que cordial carinhoso e amoroso, obrigada!

Para todos, tadas e todes, FELIZ 2023! Que seja um ano muito produtivo, de saúde, amor e muita paz!

Angelina Nardelli Quaglia, em nome de toda a equipe da Revista 15.47!





Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB. Pesquisa as áreas de acessibilidade/caminhabilidade (*walkability*); história da arquitetura, do urbanismo e das artes; representação e expressão; turístico patrimonial e tecnologias dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, faz projetos e ministra cursos livres nas áreas que domina. Cineasta, produz pequenos curtas e desenhos. Fundadora e diretora da *REVISTA 15.47*, coordenadora a equipe editorial, assinando as colunas UM PROJETO PARA BRASÍLIA, com iniciativas pensadas para a Capital; GASTRÔ CITIES, sobre a gastronomia icônica; e O DESIGN CRIATIVO + “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”, onde trará temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura, e a arte.



Patrícia Yunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte *ArtBSB*. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog “Sobre Arte e Arrepios” e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na *REVISTA 15.47*, além de membro do grupo diretor, assina a coluna ARTE E HISTÓRIA, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social Contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto urbanista com seu escritório de projetos sediado em BH. Atua também com escritor, artista visual, conteudista digital, e professor no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade FUMEC. É mestre em engenharia civil com ênfase em construção metálica pela UFOP, e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produções em design, cinema, música e livros, apresentando seus trabalhos de arquitetura, artes visuais, poesia e fotografia. Membro do grupo diretor, assina a coluna ARQUITETURA E PERCEPÇÃO, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da *15.47*, também escreve a coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Maria Luiza Junior

Fomada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na *REVISTA 15.47* assina a coluna FEMININOS MÚLTIPLOS.



André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias* e a pela *REVISTA 15.47*. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna REFLETIR, POR QUE NÃO? Um pouco sobre a importância da reflexão sobre a vida nas RAs de Brasília.



Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas, forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no desportar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na *15.47* é responsável pela coluna SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR.



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado à área de entretenimento digital.

Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna GASTRONOMIA E MÚSICA, onde escreve sobre boas receitas e dicas sobre boas músicas.



Eduardo Oyakawa

Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro *Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka*, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias.

Na *Revista 15.47* escreve em FILOSOFIA.



Beatriz Berçott

Fotógrafa, designer gráfica e estudante de cinema, é uma das sócias da *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, e auxiliou na formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA (2020). Atua como fotógrafa, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; desenhista de maquete 3D, e produtora de artes visuais, pequenos curtas, cinema e desenhos animados. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, compondo fotografias e criações autorais. sob encomenda. Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design., sendo também responsável pela coluna E SE A VIDA FOSSE UM FILME?, onde escreve cenas possíveis para adaptação de curas, usando a vida real. e suas nuances



Juliana Rampim

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



Luciana Azevedo

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Jézer Junior

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso "Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Christiane Reis Dias Villela Assano

Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998). Possui Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). É professora de música da Fundação de Apoio à Escola Técnica. Foi professora substituta na Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP), na Pós-Graduação Lato Sensu "Alfabetização das Crianças das Classes Populares" da Universidade Federal Fluminense e na Graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, piano, educação musical a distância, música e educação, artes cênicas e alfabetização musical.



Francisco José Alencar de Araripe

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de teapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na *Revista 15.47*, escreve sobre PSICOLOGIA, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes, e auxiliares, em especial para o momento que estamos vivendo.



Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficcionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na *REVISTA 15.47* é responsável pela coluna *GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE*, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília(UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilense de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na *Revista 15.47* escreve em DIREITO.



Lucia Helena Moura (ABAP)

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Pela *Revista 15.47* representa a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas (ABAP), escrevendo e organizando artigos para a seção que trata de paisagem urbana e trajetória da ABAP.



Nelson Inocêncio

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na *15.47* é responsável pela coluna ALTERIDADES.



Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa *Revista* escreve em "CONEXÕES URBANAS".



Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do o Laboratório de Sustentabilidade da PPG-FAU/UNB (LaSUS).



Elaine Toledo

Instrutora e Palestrante com mais de 25 anos na área da Aviação Civil – Comportamento, Postura Profissional e Mentoria para Aeronautas. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pessoas pelo IESB, com especialização e qualificação realizados no Brasil e Bogotá/Colômbia em Taller Imagen Etiqueta y Protocolo, Taller Calidad de Vida e CRM – Corporate Resource Management.



Marta Simone

Formada em direito, atuou no âmbito do Poder Legislativo Federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal); do Poder Executivo (Ministério da Justiça); e em Organizações Não-Governamentais, atuando na formulação e implementação de políticas públicas, "Direitos Humanos e Minorias", especialmente com o tema "Direitos da Mulher", tendo sido Coordenadora Nacional do "Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher" (Ministério da Justiça). Possui ainda Formação na Faculdade de Artes Cênicas (Licenciatura) e Formação em Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBC).

**Carlos Eduardo Barbosa Garcez**

Internacionalista, pós graduado em políticas públicas e gestão governamental, pós graduado em direito do estado. Barista, sócio proprietário do **Saboretto Cafés Especiais**. Entusiasta de marketing digital e fotografias, é responsável pelo **O NOBRE CAFÉ**.

**Oswaldo Amorim**

Contrabaixista/Compositor/Diretor Musical, Professor efetivo da Escola de Música de Brasília desde 2003, é graduado em Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília (1996). Em 1998, selecionado pelo programa APARTES do Ministério da Educação (MEC), muda-se para Nova York onde conclui o curso de especialização em contrabaixo pela Bass Collective, sob a orientação de John Patitucci. Ainda em Nova York é premiado com uma bolsa de 75% pela Manhattan School of Music, onde concluiu o curso de Mestrado em Jazz Performance, em 2001, sob a orientação de Jeff Andrews.

Músico profissional desde 1990, já se apresentou em várias cidades no Brasil e no exterior, além de realizar gravações e tocar ao lado de grandes nomes como Branford Marsalis, Marcio Montarroyos, Toninho Horta, Roberto Menescal, Léo Gandelman, Hamilton de Holanda, Oswaldinho do Acordeon, Iva Bittová, Pena Branca, Irmãs Galvão, Dércio Marques, Renato Vasconcelos, Dave Pietro, Conrado Paulino, Jenny Hill, Cris Delanno, Jeff Gardner, Daniela Spielman, Marcos Ariel, Ney Rosauero, Mike Tucker e muitos outros.

Na Revista 15.47, escreve na coluna **O TOM DA MÚSICA**



● ARQUITETURA. URBANISMO. ARTE. FOTOGRAFIA. CULTURA

- 08 O que sobra nas caixas da memória? Preservação da paisagem rodoviária - Angelina Nardelli Quaglia
- 11 Arte contemporânea e Arthur Danto: um diálogo necessário. - Patrícia Yunes
- 14 Entrevista com Márcia Rosa- Malu Perlingeiro
- 20 Poematéria - Arquitetura da palavra - João Diniz - Belo Horizonte - MG
- 36 POESIA - Lucas Pontes - Buenos Aires - Argentina
- 37 Utópico - Alexandre Guerra

● HISTÓRIA. PATRIMÔNIO. GASTRONOMIA. TURISMO

- 38 O hibridismo cultural à mesa Natalina - Juliana Rampim
- 40 O nobre Café - Carlos Eduardo Barbosa Garcez
- 46 Por que RABANADA? Uma memória calórica + tutti sabati e domeneche - Angelina Quaglia
- 48 Cozinha Musical - Jorge Nassar

● SOCIOLOGIA. PSICOLOGIA. DIREITO. BEM ESTAR. COTIDIANO

- 50 A dor que minha alma não quer revelar e 7 passos para me descobrir - Maria Helena Costa
- 57 Perguntas ao vento - Eduardo Oyakawa - São Paulo - SP
- 58 A Peste emocional - Alencar Araípe
- 59 O BRASIL 2022 - Dr. Luciano Brasileiro de Oliveira

● MÚSICA. CRÔNICA. CHARGE

- 60 A mais preciosa lição, apenas floresça! - Elaine Toledo
- 61 Abarracar e voltar para a Quizomba - Beatriz Berçott
- 62 Ser músico é um dom? - Oswaldo Amorim



Angelina
Quaglia

● O DESIGN CRIATIVO
"ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"

O QUE PODE SOBRAR NAS CAIXAS DA MEMÓRIA? PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM RODOVIARISTA

COMO MEMÓRIA DE BRASÍLIA.

O que você guarda em suas caixas de memórias, quando pensa na cidade em que vive? São vestígios do passado, ou solfejos do futuro?

Brasília possui características rodoviaristas, todos sabem! Mas, o que seria mesmo uma cidade rodoviarista? Aquela que apropria-se das rodovias, como ser vivo que engole o pedestre. É isso! Porém, tendo em vista que Brasília foi pensada de forma modernista, e sendo única no mundo, adaptamos a seus costumes, cuidando para não sermos engolidos pela vastidão! Eu gosto muito dessa vastidão única, por onde somos, aqui! Minhas memórias afetivas estão em cada rua, tesourinhas, no Beitute, no Lago Sul, e até no fundo do Lago Paranoá! Tudo é paisagem!



Figura 1
Brasília e memória - Angelina Quaglia

Na década em que foi projetada, havia poucos carros a circular por aí, e tendo em vista que aprecio a lógica utilizada por Lucio Costa, criando de forma acertiva o que posteriormente intitulou-se como ESCALAS, quatro ao todo, sinto-me segura em afirmar que Brasília é uma cidade agradável ao caminhar, mas que, certamente, precisa de reparos mais atuais. Sem descaracterizar o que há de construído, de projetado, porém, permitindo caminhabilidade ou walkability(1). Ofertando o observar da paisagem urbana, sem perder aquilo que a caracteriza. Desconfigurar, jamais!

O que tem a ver preservação da paisagem, com rodovias, acessibilidade e afins? Tudo! Porque a paisagem é formada por cada um dos itens que estão contidos nas cidades. E o que é a Capital Federal, que não, uma cidade? Penso que, se alguém já leu algum artigo meu, matou rápido a charada. Porém, se ainda existem dúvidas, vou explicar melhor!

Imaginem que nossas memórias são como caixas, e que nosso cérebro e coração, são partes de uma casa, onde guardamos aquilo que acumulamos ao longo do tempo. Tendo essas referencias em mente, pense ser o coração o local onde guardamos as memórias que mais nos acalantam, e o cérebro também "acumule" algumas caixas com itens que acalantam, só que de forma mais objetiva, além de outras mais com memórias gerais. Agora, pense que as que ficam mais a mostra, são as memórias que nos permitem compreender coisas, e sentir calafrios e alegria quando recordamos dos lugares vivenciados. Pronto. As imagens que guardamos, acumulando em nossas caixas de memórias de paisagens de cidades, são as que pretendo trazer como debate, nesse artigo.

Por muitas vezes sinto-me estranha observando a cidade. Eu paro no meio da rua, sem subir o meio fio, para ver melhor os edifícios. Os espaços entre eles, antes vazios, agora ocupados, nem sempre por arquitetura de boa qualidade ou gosto. Noutro dia, passei numa tesourinha, que estava vazia de carros. Andei a 2 km por hora, só para observar o que é, lembrando-me do que foi. Onde foram parar as lajotas, que são memórias minhas, guardadas na caixa das memórias afetivas rodoviaristas, que a cidade permitiu-me ter?! Vou ter que guardar também uma passagem sob viaduto, toda cimentada, como se ali tivessem enterrado alguém sem posses? Isso virou Brasília? Recuso-me a trocar uma imagem mental de passagem pelas tesourinhas com lajotas vermelhas, por uma que me parece um paredão acústico/visual urbano, desses que vemos na saída do Galeão, no Rio, para "tapar a vista" das favelas que ali se formaram.

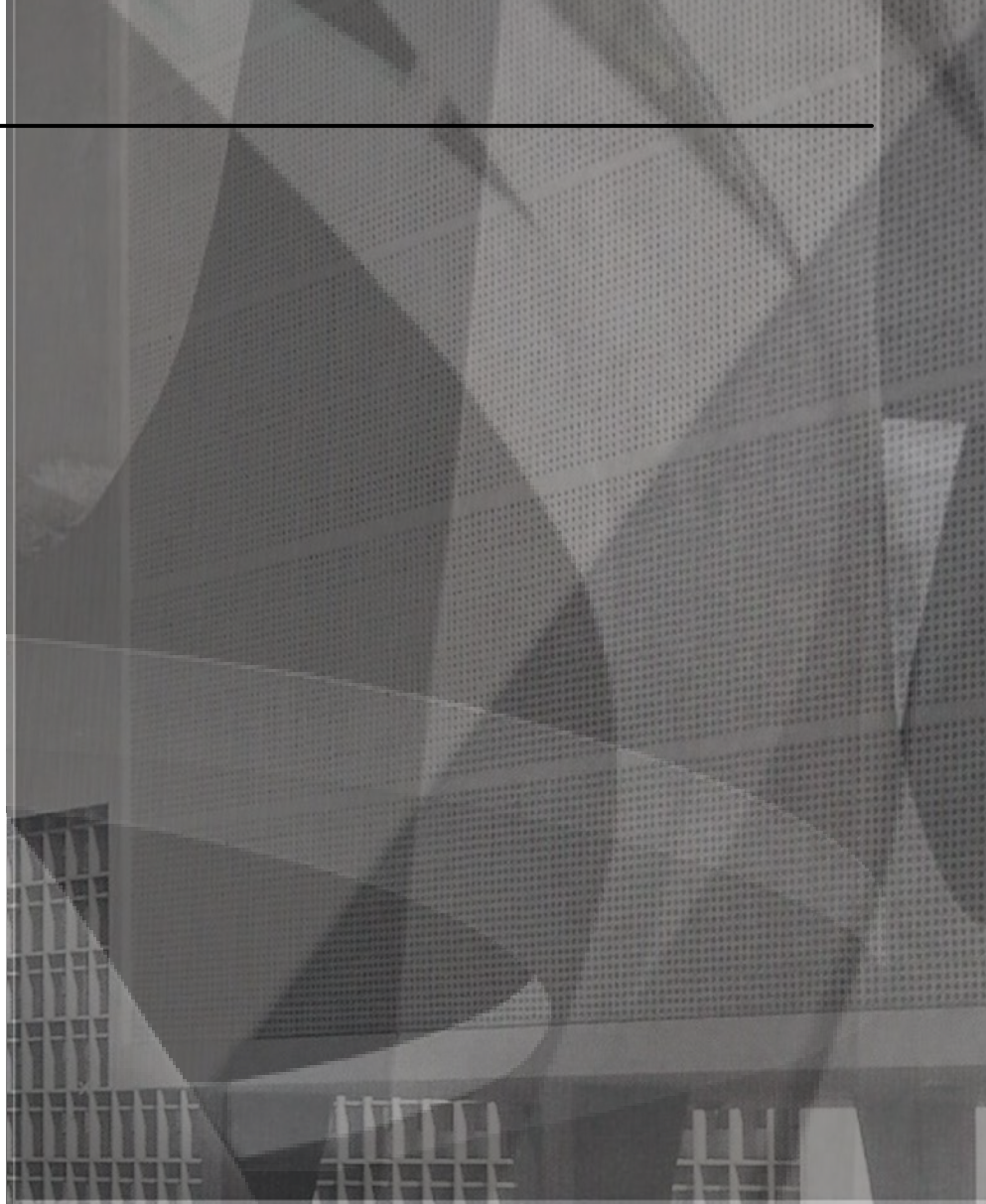


Figura 2

Janelas, brises e pilotis de uma memória



Caminhar vivenciando a Escala Bucólica(2), aquela que permite o verde que torna Brasília uma "cidade jardim" (3), ou cidade parque, é com o perdão da palavra, surreal.

Entretanto, faz-se necessário lembrar que as travessias nem sempre são agradáveis, em especial na maior avenida, o Eixão. Um grupo musical da cidade, O Liga Tripa (4), chegou até mesmo a escrever uma música pedindo a "Nossa Senhora do Cerrado", que é a protetora dos pedestres, para chegar "(...) são e salvo na casa da Noemia(...)", permitindo ao protagonista da canção proteção na travessia.

Figura 3

Passagem subterrânea, Eixão e CO.BO.GO

A cidade rodoviarista não permite o observar a paisagem, por parte do pedestre, na travessia do Eixão. Uma avenida de xxxxKm, com velocidade permitida até 80Km/h. Realmente, existe o risco de não observar a beleza da cidade, o que faz-se a partir do uso do carro, nesse local, e ainda perder a vida.

E é agora que me perguntam, "mas porque atravessar uma avenida tão perigosa? Não há outra forma de fazê-la?" E eu lhes respondo que existe! Existem as passarelas subterrâneas, que são perigosas por falta de policiamento (Figura 3), e na parte da noite, pela pouca iluminação.

Não pretendo alongar-me com um assunto tão controverso como o caminhar por Brasília, mas, preciso seguir afirmando que, sendo cidade, sempre haverá problemas, e que, a princípio, podem ser sanados. Deveriam! Sempre sem afetar a paisagem!

As escalas permitem (ou nascem da permissão) dessa setorização, que por sua vez, trouxe a Brasília algumas diferentes paisagens, ora permeadas por excesso de verde, ora permeada por asfalto e concreto. Isso é o que permite que em nossas caixas da paisagem urbana, fique registrado o quão diferente é essa cidade modernista, inscrita como Patrimônio pela UNESCO, e tombada como patrimônio brasileiro. Brasília acontece com esses "excessos" de discordância, pouca manutenção (um fato indiscutível), mesmo sendo a capital do país, e muitas paisagens a serem recordadas.

Estamos em plena construção de nosso PPCUB, o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília. Será esse o instrumento que firmará as regras de uso e ocupação do solo na capital federal, e que deverá - ou deveria, vai saber -, conter mais detalhes, mais clareza e mais conteúdos específicos sobre a preservação. Ouso dizer que, se não forem acrescentadas regras sobre a paisagem urbana, sendo esta a principal característica de nossa existência como paisagem única, Brasília estará fadada a tornar-se uma São Paulo. Não que "Sampa" seja ruim, mas, é diferente do que temos aqui! Aqui temos a monumentalidade, lá, a Paulista!

Pena que a paisagem das cidades se transforma. Não é um processo antinatural. Porém, para Brasília, seria gentil pensar diferente das demais cidades, criando novas formas de remodelar, com mais sabedoria, afinal, uma cidade tão única, que nos permite a paisagem gentil, poderia também receber legislação e Planos de Preservação, bem mais gentis.



Figuras 4 e 5
PÁSSAGENS



Notas:

1. O termo *walkability* (ou caminhabilidade, em português), é um conceito que propõe um modelo de cidade sustentável, diferente do que observamos em muitos lugares Brasil e mundo afora. O conceito sugere que as cidades sejam mais focadas nas pessoas, e na facilidade em permitir o caminhar pelo ambiente urbano. A Sustentável, o conceito, quando aplicado, permite a melhoria na qualidade ambiental, a redução na emissão de poluentes, renovação do tipo de energia, gerando economia e impactando menos o planeta, e transforma a concepção urbana das cidade, fazendo com que o carro seja o coadjuvante, focando nas pessoas e em seu bem estar, em especial à segurança, à mobilidade e ao lazer.
2. A Escala Bucólica ocupa os espaços vazios, que no modernismo representam a mudança de usos na cidade. Em Brasília é representada pelo verde urbano, gramados, e outras áreas que a permeiam. Falarei mais sobre as escalas nas próximas edições.
3. Cidade Jardim é um conceito criado por *Ebenezer Howard* (1850-1928), no final do século XIX, início do século XX. Atualmente o conceito vem sendo debatido, reformulado, como cidade Park, sugerindo um planejamento urbano que reconcilia os espaços urbanos públicos e a natureza.

● ARTE E HISTÓRIA



Patrícia
Yunes

ARTE CONTEMPORÂNEA E ARTHUR DANTO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO.

No canto da sala de exposições, um pouco de areia cuidadosamente acomodada no piso de concreto. Peças de roupas sujas de sangue, amontoadas displicentemente sobre a cama antes vazia. Excrementos do artista dispostos em recipiente hermeticamente selado. Quem, ainda que acompanhe minimamente a cena artística dos nossos tempos hipermodernos,(1) ficaria impressionado com o que pode produzir a Arte Contemporânea?

Ao olhar mais apressado, o parágrafo inicial talvez possa dar a impressão equivocada de que estou a sugerir que atributos como a obviedade e o exagero retórico avançam, vorazes, sobre artistas e seus trabalhos, em um movimento inexorável de comprometimento da obra. No entanto, a disposição é bem outra. O que pretendo inferir é que as tradicionais noções de gosto, beleza e adequação tornaram-se insuficientes para alcançar o que se tem produzido no campo artístico mundial. A Arte Contemporânea necessita de nova gramática, expressões outras, conceitos e chaves interpretativas que deem conta da complexidade dos novos tempos (2).

Tema instigante, a arte realizada a partir do início do século XX segue a alimentar discussões e a provocar o pensamento de estudiosos em várias áreas, notadamente a filosofia estética, que lida com a noção de o que é o belo e, como consequência, se essa definição estaria atrelada à legitimação de o que é a arte.

No outro extremo do pêndulo, concomitante às investigações diligentes dos pesquisadores, está um importante grupo de pessoas assustadas com o resultado da produção artística atual. Quando o tema é *arte*, buscam o conforto e a segurança do que é conhecido e agarram-se às informações possíveis e às experiências ameadadas com o tempo, porém a apreciação da obra exige exatamente o oposto: mente livre, estranhamento e desejo de aprender. Dessa maneira, a arte, esta sobrevivente de muitos prognósticos catastrofistas, lembra-nos que afastar das nossas retinas o inovador e o surpreendente significa drenar a fonte de água pura em seu nascedouro e negar à humanidade um de seus atributos divinos mais nobres, o da criação.

Portanto, inovações artísticas graduais ou disruptivas sempre existirão, mesmo que surjam com outra roupagem revisitando o que já fora executado; como o ocorrido no Período Neoclássico, a título de exemplo. O estudo da história nos permite perceber que a arte não se coaduna à clausura de movimentos estéticos estanques e que as chamadas vanguardas quase sempre buscaram romper com a estética anterior, ainda que se beneficiassem de técnicas e saberes já construídos. Como exemplo, poderia citar o Impressionismo que, das curtas pinceladas ao ar livre, submetidas ao império da luz plena, permitiu a desconstrução da imagem tradicional e abriu caminho para novos movimentos como o Pontilhismo de *Seurat*, o Cubismo pós *Cezanne* e o Primitivismo de *Gauguin*, apenas para mencionar alguns.



Figura 01: Piero Manzoni, Merda D'artista
Imagem Sotheby'

O americano e historiador da arte, *Hal Foster* asseverou a respeito do tema: “Cada época sonha a seguinte, como *Walter Benjamin* certa vez observou, mas nesse processo ela revê a anterior. Não existe um simples agora: todo presente é assincrônico” (FOSTER, 2017, p. 189).

Importante dizer que o alvorecer do século XX também marca o início de uma profícua, sólida e extensa construção teórica a respeito da estética contemporânea realizada por um dos mais consistentes intelectuais da atualidade, o filósofo *Arthur Danto* (1924–2013). Com mais de 40 anos de estudos acerca do tema, o autor produziu obras memoráveis, como *O mundo da arte* (1968) e *Transfiguração do lugar comum* (1970/1981). Mas foi em *O abuso da beleza* que Danto enfatizou a relevância da História da Arte, ou seja, da História Serial, no processo de acomodação da obra de arte em determinado período histórico. Em outras palavras, demonstra que a produção artística só poderia ser “inventada” em um contexto, cujas condições necessárias (políticas, sociais, econômicas, territoriais) permitissem o surgimento da obra como produto de seu tempo. Arriscaria dizer, que o produto síntese, na análise de Danto, foi a conhecida *Brillo Box*, de *Andy Warhol* (1964).



Figura 02 : SEQ Figure 1* ARABIC
2Andy Warhol, Brillo Box (Soap Pads).
MoMa.org/collection

Mas a arte é caprichosa e parece ter vontade própria. Em uma espécie de autodeclaração de maioridade, acaba por se apartar da noção de beleza para mostrar que o fim da Arte Moderna européia, tradicional - nos conhecidos moldes registrados pela já mencionada História da Arte -, era um fato, mas que permanecia, resplandecente na vestimenta que lhe parecia mais adequada ao momento. Dessa maneira, Danto encontra a ponta do novelo que irá se desenrolar e dispor ao escrutínio comum uma série de elementos formadores da arte que é produzida hoje.

A partir de então, surge uma série de elucubrações fundamentais a respeito dos agentes legitimadores da obra de arte (Teoria Institucionalista de *George Dick*s) e da dissociação da arte com a beleza. Pensamento de Danto, que utilizo com certa frequência em textos: “*O feio não se torna belo só porque a arte feia é boa*” (Danto, 2015, p. 124) é afirmação seguida por seu complemento insubstituível: “*Minha impressão é de que a excelência artística está relacionada com o que se supõe que a arte faça, qual efeito se pretende que ela tenha.*” (Danto, 2015, p. 124). Dessa forma, o autor entrega a chave-mestra do portal que privilegia o conceito da obra em detrimento de sua aparência, ainda que ambos os elementos possam coexistir sem maiores animosidades.

Mas, se a estética deixa de ter o papel central atribuído a ela em períodos históricos anteriores, o que ficou em seu lugar?

Danto enfatiza que em um mundo no qual há várias culturas não é crível a existência de estética única, não obstante serem classificadas e hierarquizadas. Façamos um breve e simplório exercício mental e busquemos o que pode ser produzido em países da África ou no seio das populações originárias do Brasil ou da Colômbia. Entraremos então em outro campo, quando se tornaria imprescindível estudo de maior envergadura a respeito de arte popular, artefato e finalidade da obra.

Assoma-se inegável que o direcionamento de pesquisas a pautas que visem a pluralidade estética e o multiculturalismo, imprima veracidade ao contexto no qual estamos inseridos e nos auxilie a compreender a estética contemporânea, que que não tem, necessariamente, relação direta com os tradicionais cânones artísticos. A arte, portanto, abdicaria de um certo “prazer visual” para se dedicar a outras pautas, igualmente legítimas.

Renunciemos, pois, à adoção de um pensamento niilista, muito prático e solucionador de eventuais problemas causados pela incompreensão da Arte Contemporânea, e abracemos, com boa vontade e generosidade, as novas questões e discursos presentes neste modo de habitar a contemporaneidade. Arthur Danto não propôs, nem mesmo em suas últimas publicações, solucionar os problemas mais agudos a respeito de o que é a arte e suas imbricações na conceituação de estética. Antes, levantou hipóteses, traçou diagnósticos e sugeriu caminhos. Para os que apreciam ou

apenas procuram compreender um pouco mais a respeito de Arte Contemporânea, sugiro Danto em altas doses. Garanto-lhes que as caixas de sabão em pó, dispostas aleatoriamente nas prateleiras dos supermercados, nunca mais serão as mesmas.

“Entendo a estética como a maneira como as coisas se mostram, juntamente com as razões para preferir uma maneira de se mostrar em relação às outras.”

(Danto, 2020, p. 200)

Notas:

- 1.O conceito de *Tempos Hipermodernos* foi criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky e amplamente descrito na obra de mesmo nome.
- 2.A Arte Contemporânea é, sem dúvidas, um tema fascinante e ousaria dizer, urgente. Detive-me sobre ele na segunda edição da Revista 15.47, lançada em dezembro de 2020, com o título “A difícil arte de ser contemporâneo”. No artigo, estão elencadas, de modo sucinto, algumas das características principais da Arte Contemporânea.

Bibliografia:

DANTO, Arthur C. *O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

_____. *O descredenciamento filosófico da arte*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



Figura 03: Montagem Angelina Quaglia
Imagens: Capa de *What Art is*, de Arthur C. Danto / Andy Warhol - *The Brillo Boxes* - UK (1968)



Malu
Perlingeiro

ENTREVISTA COM MÁRCIA ROSA

Na 11ª edição da Revista Virtual 15.47 do mês de dezembro encerrando 2022, a entrevistada é a artista visual MÁRCIA ROSA, focando sua atuação no cenário artístico da cidade e trazendo ao público leitor interessantes informações sobre a técnica utilizada em suas lindas e instigantes obras.

Seja bem-vinda à Revista 15.47, Márcia. Conte-nos um pouquinho de sua história.

Nasci em Buritama, interior de São Paulo, próxima a São José do Rio Preto. Meu pai veio sozinho para Brasília, em 1957, para trabalhar na construção da cidade. Eu tinha apenas 2 anos quando, em agosto de 1959, vim de avião com minha mãe e irmãos para residir definitivamente em Brasília. Como tantas outras famílias de pioneiros, fomos morar na “Cidade Livre”.

Quando começou a se interessar por desenvolver sua arte? Seu dom artístico está no sangue, é hereditário? Há outros artistas em sua família?

A arte certamente está no meu sangue.

Meu pai foi músico, tinha o dom natural de tocar alguns instrumentos, tendo integrado uma banda na mocidade. Posteriormente passou a fazer solos no bandolim. Ele passou a desenhar e criar plantas arquitetônicas já em Brasília, onde fez um longo curso de desenho de arquitetura por correspondência. E sabia também a arte da marcenaria. Minha mãe costurava e também me ensinou muito. Desde meus 10 anos eu já gostava muito de fazer trabalhos manuais aprendidos com minha mãe, fossem bonecas de pano, pequenas flores com massinhas coloridas que eu mesma fazia, crochê ou trabalhos em macramê. Anos depois, motivada por meu pai, estudei canto e violão na Escola de Música de Brasília e tive a oportunidade de participar de algumas óperas como “Carmem” e “La Bohème”.



Figura 01: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica



Figura 02: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica

com natureza e figura humana. Algumas telas são inspiradas em fotos, algumas tiradas por mim, retratando paisagens e outros temas. Para iniciar uma obra, há um planejamento. Prefiro saber antecipadamente onde quero chegar, pois as cores serão colocadas na tela, sobrepostas, e surgirão depois, conforme o desenho vai sendo executado, esculpido.

Sabendo que a encáustica é sua técnica preferida, por favor, descreva o material utilizado e a forma como trabalha.

Inicialmente fiquei assustada com a quantidade de “parafernália” que eu precisaria para aprender a técnica, começando pela aquisição de panela e sanduicheira elétrica e uma relação de ingredientes (ceras, resinas, etc) para fazer a matéria prima.

Qual sua formação profissional além de ser artista visual?

Quando comecei a me interessar pela pintura eu não sabia manusear o pincel, mas pensei que eu poderia introduzir elementos como sementes do cerrado em texturas acrílicas em uma tela rígida. Assim foram meus primeiros trabalhos em pintura. Nessa ocasião eu já precisava conciliar trabalho e estudo e optei por pausar a música pra fazer um curso superior, me formando em Administração de Empresas. Trabalhava o dia inteiro! Casada, criei minhas duas filhas, a segunda filha nasceu quando a primeira já completava 16 anos. E assim a arte se tornou um sonho que foi deixado para trás. Somente anos mais tarde, tendo mais disponibilidade e tempo livre, pude me dedicar a ela.

Há quanto tempo exerce sua arte e a aprimora?

No ano 2000, eu já dispunha de algum tempo e melhores condições para aprender sobre a arte de pintar. Procurei por um mestre, uma escola de arte, um ateliê e fui direcionada, não me lembro como, para o ateliê da Marlene Godoy em Brasília. Marlene Godoy me falou sobre as várias técnicas de pintura e disse que estava experimentando uma nova técnica chamada “encáustica” que havia conhecido com o artista do Pará chamado Acácio Sobral. Desde então continuo aprimorando essa técnica em minhas obras.

Qual sua formação como artista visual?

Comecei ainda jovem minhas tentativas na arte com as sementes e a textura acrílica. Devo minha formação ao aprendizado no ateliê da artista e professora Marlene Godoy e aos cursos e workshops dos quais participei. A encáustica segue sendo a técnica que mais utilizo em minhas obras.

Existe alguma temática de sua preferência?

As paisagens urbanas são minha temática predominante, embora tenha realizado algumas obras abstratas, outras

Convenci-me de que valeria a pena investir no aprendizado pois seria uma solução para perpetuar minhas sementes e flores do cerrado na tela, como uma espécie de mumificação.

Aos poucos, à medida que fui percebendo a fragilidade dos trabalhos com sementes, fui modificando e descobrindo outras formas de manusear a encáustica. A partir daí, minhas criações, quase que naturalmente, aproximam-se à “natureza urbana”, sempre com o acréscimo de texturas, cores leves, pequenos detalhes, relevos e sobreposições causando assim um certo efeito tridimensional. Meus trabalhos são esculpidos na tela. Para isso, faço uso de canivetes e outras ferramentas. Gosto também de inserir chapas de metal nas composições. Começo com a escolha das cores para que eu as sobreponha em uma tela rígida pra depois ir cavando, buscando as cores que ali foram enterradas.

Por favor, fale sobre a criação e origem da técnica da encáustica, ainda desconhecida para muitas pessoas.

A encáustica é uma técnica utilizada desde a Idade Antiga. Seu nome origina-se do grego “enkausticos”, que significa gravar a fogo e tem como principal característica o uso de cera como aglutinante, possuindo uma textura densa e cremosa. Pelos registros mais antigos, romanos, gregos e egípcios a utilizavam sobre várias superfícies, como madeira, marfim e tela. A técnica era usada não somente na arte em retratos, mas também em sarcófagos até hoje preservados.

Dos séculos I e II para cá foram encontradas muitas peças e murais, ainda conservados. No âmbito cristão, a encáustica era usada na elaboração de ícones. Após um grande período em desuso, reapareceu nos séculos XVIII e XIX.

Na preparação eram usados pigmentos coloridos misturados a uma solução que se obtinha com as cinzas de madeira, cola ou resina, e então passados sobre a superfície com pincéis ou espátulas.

Em pleno século XXI, com instrumentos mais modernos como braseiros elétricos, maçaricos, sanduicheiras, e outros aparelhos, trocando os materiais originais por cera de abelha, parafina e cera de carnaúba, a encáustica continua a ser utilizada e apreciada, como técnica aliada à forma de expressão na arte contemporânea.

De quantas exposições coletivas participou até novembro de 2022? Realizou exposições individuais?

A partir de 2002, comecei a participar de várias exposições em Brasília e também em outros estados. As exposições são realizadas duas ou três vezes ao ano, com mais frequência em galerias de arte, espaços culturais e também em espaços institucionais.



Figura 03: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica

Foram mais de 50 exposições coletivas e 8 individuais até o momento.

A exposição coletiva mais recente foi Pan Techné, homenagem à semana de Arte Moderna de 1922. Aconteceu de abril a junho deste ano, no Museu Nacional dos Correios em Brasília.

As individuais mais recentes foram realizadas de agosto a setembro de 2018 e de setembro a outubro em 2019 na Pátio Galeria. Também de agosto a setembro de 2019, na Galeria Arte Em Pauta BSB.

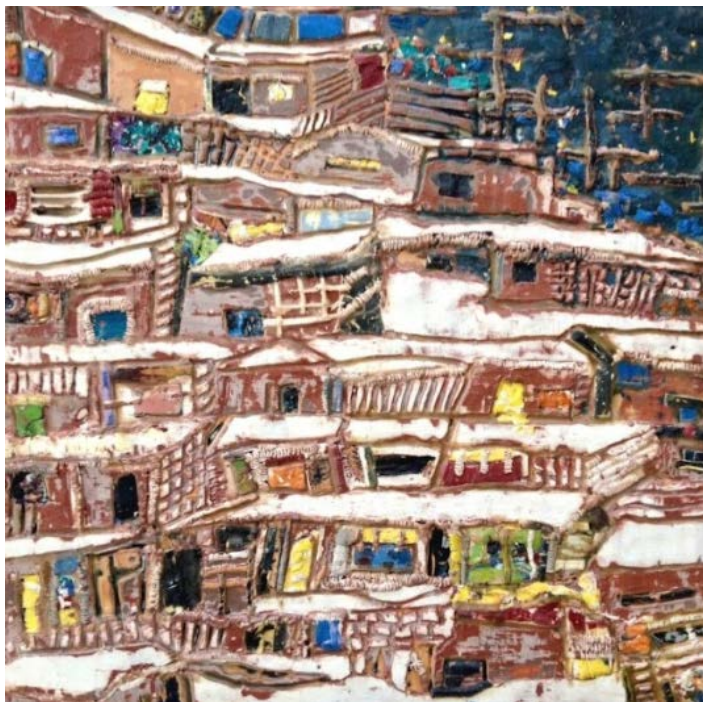


Figura 04: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica

Fale-nos sobre os trabalhos mais importantes, que lhe trouxeram mais satisfação ao realizá-los ou pelo reconhecimento que recebeu do público.

Trabalhar com encáustica é sempre um deleite. É esperado que alguns resultados sejam melhores que outros. Em 2015 recebi uma homenagem pela criação dessa técnica em evento no Mezanino do Teatro Nacional. Mas percebo elogios e reconhecimento com mais intensidade durante as exposições individuais, quando várias obras são mostradas ao público.

Quais seus planos artísticos em relação ao futuro? Pretende explorar novas técnicas e temáticas? Como gostaria que sua arte se desenvolvesse de agora em diante?

Pretendo continuar a participar do cenário artístico da cidade expondo individualmente e participando de coletivas. E, claro, também de exposições em outras regiões sempre que surgir oportunidade. Estou treinando a arte do desenho e pretendo, em breve, aprender pintura em aquarela.

Há algum tempo optei por dividir Brasília com um vilarejo na beira do mar. Daí muitas das minhas inspirações vêm das paisagens que observo e assim as pinto, sempre usando a encáustica.

Os trabalhos em encáustica me encantam, a técnica me conquistou há mais de 20 anos e por enquanto não tenho vontade de fazer diferente.

Deixe aqui uma mensagem para Brasília pela comemoração de seus 62 anos.

Brasília me criou solta no cerrado, colhendo pequi, araticum, gabioba, jatobá, bacupari, etc, frutos que aprecio muito. O céu, nem se fala. É lindo e nos oferece frequentemente “pores do sol” maravilhosos. Sou de fato uma Candanga e muito grata a meu pai corajoso pioneiro por ter nos proporcionado a vida em uma cidade assim, tão maravilhosa.

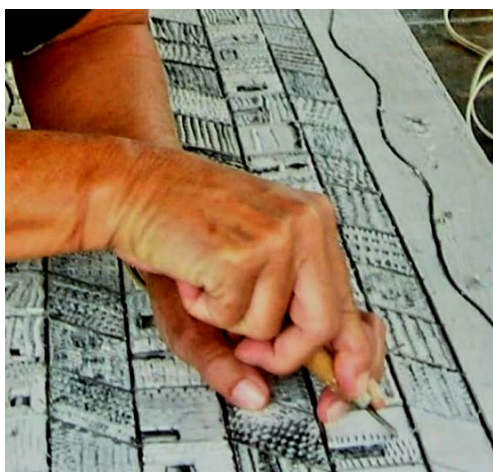


Figura 05 e 06: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica



Figura 07: Foto pessoal da artista
Exposição de suas pinturas



Figura 08: Foto pessoal da artista
Pintura em encáustica



Figura 09: Foto pessoal da artista
Exposição Márcia Rosa



João
Diniz

● ARQUITETURA E PERCEPÇÃO

POEMATÉRIA ARQUITETURA DA PALAVRA

reflexões sobre a exposição em 2022

MATERIALIDADES POÉTICAS

A poesia, nascida na oralidade e a princípio preservada pela memória de trovadores e declamadores ao longo dos séculos, avança materialmente, a partir desta comunicação oral, no momento em que passa a receber registros visuais através de vários tipos de representações físicas ou gráficas, onde a intenção poética, que é a de sintetizar o pensamento humano sensível, entra em simbiose com diversos sistemas de notação.

Existem exemplos, ao longo dos séculos que confirmam que a ideia abstrata da voz lírica, através do texto, está intrinsecamente unida ao suporte material de seu registro:

No século VII a. C. no ÉPICO DE GILGAMÉS, um dos primeiros registros literários conhecidos, originado da Mesopotâmia, contém lendas e poemas sumérios, grafados em escrita cuneiforme sobre argila, compilados pelo rei Assurbanipal sobre o deus-herói Gilgamesh.

Os hieróglifos do templo egípcio de KARNAK, entre os anos de 2200 e 360 a. C., apresentam em baixo relevo, caracteres grafados sobre pedra fazendo parte das edificações e do espaço público. Procedimento semelhante se tem na Suécia do século XI onde na pedra de GRIPSHOLM estão escritas as RUNAS dedicadas às conquistas de guerreiros locais.

Nas culturas orientais, a arte da caligrafia, que une desenho e poesia, praticada desde a antiguidade de forma temporária, com pincéis e água em pisos de espaços públicos ou permanente com tinta sobre papel; evolui com a criação da impressão em série, creditada a BI SHENG entre os anos de 990 e 1051. Esta é uma das quatro grandes invenções da antiguidade junto com o papel, a bússola e a pólvora. É conhecida a contribuição de JIKJI que em 1337 imprimiu o primeiro livro budista da Coreia, antecipando em um século a invenção da imprensa global móvel em 1439 pelo alemão GUTENBERG.



Imagens: SALA 1
Fotografia de Bel Diniz





Imagem: SALA 2
Fotografia de Bel Diniz

Pode-se traçar um paralelo entre a escrita efêmera oriental em espaços públicos, acima citada, e as imagens que temos do PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1608-1697) escrevendo seu pensamento poético e religioso sobre areias de praias brasileiras.

As conhecidas bobinas de papel artesanal contínuo do TORÁ, onde, a partir de 500 d.C. , estão registrados os fundamentos da fé israelita, se assemelham analogamente aos escritos datilografados por JACK KEROUAK (1922-1969), em longos rolos de papel, suporte apropriado ao seu fluxo mental ininterrupto.

Mesmo sobre a folha plana do papel tem-se experimentações revolucionárias como as do poeta francês Stéphane MALLARMÉ (1842-1895) que considerou a página como um amplo espaço criativo a ser ocupado por novas

ocupado por formas de diagramação. Da mesma forma aparecem algumas décadas depois, as grafias impressas pelos artistas do DADAÍSMO nos anos 1920, onde a experimentação com o texto aparece como uma nova arte visual. Recurso semelhante aparece nas propostas de EL LISSITZKY (1890-1941) que adotou a arte tipográfica como uma das vertentes culturais do construtivismo russo.

O texto poético se expande de forma visual e até volumétrica, ocupando o espaço urbano, nos trabalhos do catalão JOAN BROSSA (1919-1998) bem como nas propostas do americano ROBERT INDIANA (1928-2018) como em sua famosa escultura de 1964, comissionada pelo MoMA, onde se lê a palavra LOVE, passando a ser um ponto turístico das ruas de Nova York.

A oralidade dos primeiros tempos da poesia continua a ser explorada na contemporaneidade onde, podem ser citados, dentre várias, as apresentações para grandes plateias por Vladimir MAYAKOVSKY (1893-1930), onde o texto falado ganha grande significado político; ou os recitais de Allen GINSBERG (1926-1997) onde junto com seus companheiros da Geração Beat, propunha, de forma literária a partir dos anos 1950, uma nova postura da contracultura norte americana.

No panorama brasileiro podem ser destacadas as experimentações com poesia visual de AUGUSTO CAMPOS (1931) do grupo concretista paulista, ou de PAULO LEMINSKI (1944-1989) que refletem a sonoridade de suas palavras poéticas em composições gráficas.

Mesmo em culturas consideradas populares, têm-se as manifestações de ARTUR BISPO (1909-1911) onde o texto desenhado ou bordado em vestimentas manifestavam imagens do seu turbulento inconsciente; ou as escritas urbanas do PROFETA GENTILEZA (1917-1996) que sistematicamente escrevia em espaços públicos periféricos de viadutos ou ruínas, criando registros com grande capacidade de comunicação.

Estas ações acima listadas, dialogam de forma espontânea com a ideia 'POEMATÉRIA: ARQUITETURA DA PALAVRA' desenvolvida pelo arquiteto João Diniz, não como analogias conscientes ou referências diretas realizadas de forma intencional, mas como paralelismos reconhecidos, na maioria das vezes após a realização das obras que compuseram a exposição que será a seguir aqui descrita. (1)

GÊNESE CONCEITUAL

A busca de uma 'poesia 'além da página' já fazia parte de experimentações anteriores realizadas pelo arquiteto e poeta na criação de 'poemobjetos manipuláveis', 'caligrafias expandidas' em artes visuais, 'performances caligráficas', e em espaços públicos, e instalações penetráveis como CUBOESIA (2019) e em POÉTICAS LEITURAS (2021) trabalhos estes em parceria com a, também arquiteta, Bel Diniz.

Em 2018 surge a ideia de mostrar este material diversificado em uma exposição a princípio programada para 2020 no Centro Cultural da UFMG. A fim de compensar o adiamento da exposição exigido pela pandemia, é iniciada, com estes trabalhos já existentes e com outros que iam sendo produzidos, a montagem por João Diniz do livro POEMATÉRIA: ARQUITETURA DA PALAVRA, que em muito ajudou na compilação e ordenação temática do material a ser oportunamente exposto.

Finalmente em 2022 a mostra acontece naquela instituição entre 19 de maio e 15 de agosto, sendo montada em espaço expositivo ampliado em relação à primeira proposta, na Grande Galeria, com suas 5 salas perfazendo aproximadamente 400,00 m².

A proposta da exposição é explorar as possibilidades da união entre as artes visuais e o texto poético, buscando superar e propor possibilidades além do mais usual suporte da escrita que é a convencional folha de papel. Reflexões teóricas e práticas neste tema já aconteciam na prática acadêmica do arquiteto-professor na (in)disciplina TRANSARQUITETURA, por ele criada e ministrada na Universidade Fumec em Belo Horizonte e em palestras e oficinas em outras localidades.



Imagens: SALA 3
Fotografia: Bel Diniz

Através destas reflexões, a prática profissional se dá de forma expandida unindo o projeto de edificações às atividades de ensino, e ainda convivendo com propostas autorais que envolvem design, fotografia, desenho, caligrafia, pintura, escultura, poesia, música, cinema e performance.

Estas autorias estão apresentadas na exposição através de blocos temáticos, que revelam a interdisciplinaridade que permeia a mostra, tendo sempre o texto escrito materializado em imagens ou objetos experienciáveis, como um eixo conceitual permanente.

A fim de conceber a ocupação do espaço da galeria, o autor visitou as salas expositivas com a curadora Celina Lage, artista transdisciplinar e professora da Escola Guignard e do PPGArtes (UEMG), e conjuntamente definiram as intenções principais do projeto expográfico realizado em colaboração com a arquiteta Bel Diniz. A intenção foi, a partir dos espaços da grande galeria, criar um percurso sensorial, ao longo de suas 05 salas, que será descrito a seguir.



Imagem: SALA 3
Fotografia Bel Diniz

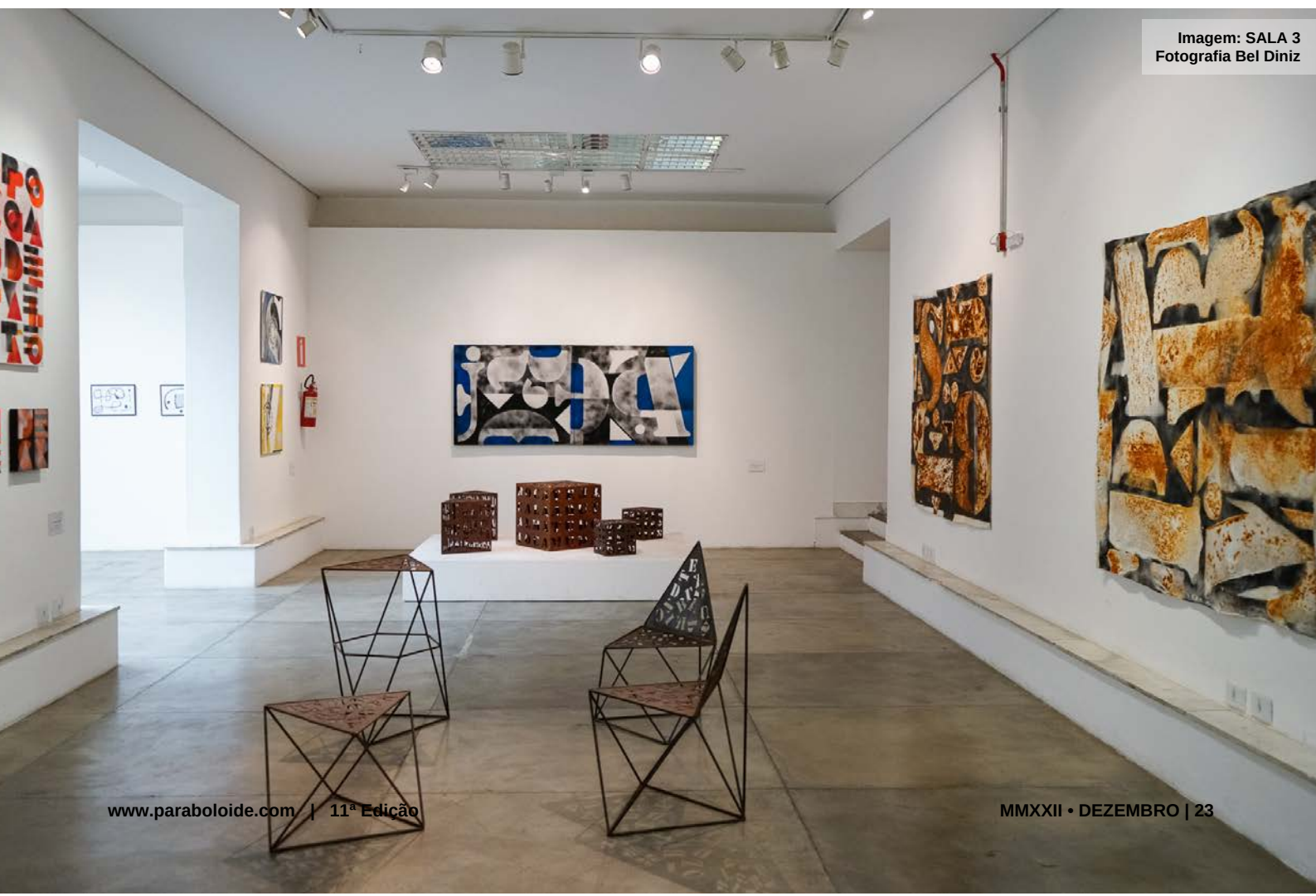


Imagem: SALA 3
Fotografia Bel Diniz

SALA 1: PORTADA LÍRICA

Na Sala 1, o espaço de acesso à grande galeria está o título da mostra, um monitor de vídeo com textos de apresentação dos poetas Luis Turiba e Lucas Guimarães, que serão apresentados mais adiante neste artigo; e o texto curatorial principal da historiadora, crítica de arte (ABCA), escritora, professora (UFMG) e curadora, Marília Andrés Ribeiro, que já havia colaborado com João Diniz em exposições anteriores (2), e que neste evento pontua:

"O artista/arquiteto João Diniz nos convida a entrar no universo da Poematéria e experimentar a palavra poética transbordando do papel para o espaço expositivo do Centro Cultural UFMG.

Esta poética expandida e diversificada engloba obras híbridas, mesclando poemas, aforismos, manuscritos, poemobjetos, designs, esculturas, desenhos, pinturas, música eletrônica, vídeopoemas, cineclips, fonogramas poéticos, instalações e performances.

Somos convidados a percorrer os espaços específicos que se intercomunicam e apresentam as pesquisas do artista com diversos materiais, desde a caligrafia em papel presente nos Manuscritos, passando pela pintura com spray nos Tipos extraños, a impressão de letras sobre tela nos Enferrujados, as esculturas de ferro apresentadas nos Tipogramas e Primas Líricos, até as faixas em tecido que descem das paredes para o chão revelando um novo hieróglifo através dos Decifráveis.

Dentro dessa magia poética, que transborda da poesia para a vida, encontramos a criatividade pulsante e a genialidade de nosso artista polímata João Diniz."

Marília Andrés Ribeiro

Imagens: SALA 1
Fotografia: Bel Diniz



POEMATÉRIA

ARQUITETURA DA PALAVRA

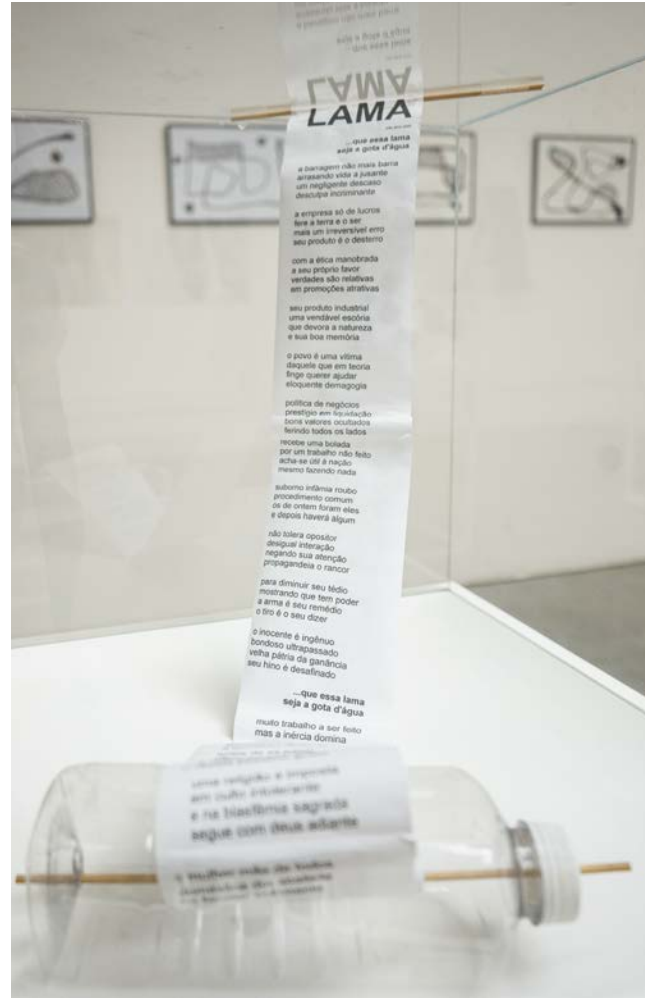
JOÃO DINIZ

SALA 2: CALIGRAFIAS FEMININAS

Na Sala 2, que é efetivamente o começo da exposição, estão colocadas ao longo do fluxo central, 6 mesas expositoras mostrando os poemobjetos manipuláveis 'Lama', 'Fita', 'Circular', 'Infinito' e 'Dobra'; e o livro de artista 'Caligrafias'. Na maior destas mesas, ficam os livros, cds e dvds com trabalhos do autor nas áreas de poesia, música e vídeo. Ali estão também as poesias tácteis dos 'prismas líricos' em miniatura, e o poemobjeto 'Medida'.

As paredes à esquerda do percurso mostram as experiências com o desenho e a escrita realizadas na série 'Manuscritos' contendo a gestualidade da linha livre e da caligrafia espontânea.

As paredes da direita da sala, mostram a série 'A que é', uma homenagem ao universo feminino a partir da grande letra 'A' de metal que deu origem ao poema que compõe o ensaio visual feito sobre madeira com pinturas em spray e máscaras tipográficas. Nesta posição do espaço estão também duas telas que antecipam as séries a seguir, ou sejam: a tela 'X' com textos que planificam as palavras dos 'Prismas Líricos' e o 'Díptico Amarelo' da série 'Typos Estranhos' realizados a partir de letras metálicas usadas como máscaras para a pintura em spray.



Imagens: SALA 2
Fotografia: Bel Diniz





Imagens: SALA 2
Fotografia: Bel Diniz



Imagens: SALA 2
Fotografia: Bel Diniz



SALA 3: PERMANÊNCIAS TIPOGRÁFICAS

A Sala 3 funciona como uma praça central da exposição, onde está mobiliário da série 'Octa Letra', que são peças de design concebidas pelo arquiteto, incorporando as tipografias num texto aleatório, definindo um espaço de permanência para reuniões e assistência do vídeo de 60 minutos com vários filmes curtos do autor, contendo 'cineclips', 'poemas dinâmicos' e 'leituras performáticas' (3). Este local, durante o período da mostra, abrigou uma série de eventos como saraus, performances e debates, com destaque para a conferência ministrada pelo escritor e professor Anelito de Oliveira, quando este refletiu sobre a inserção do material exposto no contexto da arte e literatura contemporânea.

Ainda nesta sala estão as duas grandes telas da série 'Poiesoxyds', onde as letras metálicas funcionam como carimbos a partir de processos de oxidação sobre a tela; o 'Díptico Azul', diversas telas de variados tamanhos da série 'Decifráveis', e o praticável branco com as peças 'Poesia Cúbica 1 e 2' e 'Prismasense' da série 'Prismas Líricos' em metal que são múltiplos que unem escultura, texto e design.



Imagens: SALA 3
Fotografia: Bel Diniz



SALA 4: A PERFORMANCE DAS LETRAS

A instalação da Sala 4 se dá a partir de uma releitura da obra 'Cuboesia e Jardim de Aço'(4), um pavilhão sensorial penetrável, inaugurada em 2019 nos jardins do Parque do Palácio, antigo Palácio Mangabeiras em Belo Horizonte, por ocasião do evento

CasaCorMG. As letras de aço remanescentes da instalação do grande cubo foram aleatoriamente dispostas nas paredes e piso da sala, convidando os visitantes a, numa atitude interativa, montarem no chão, com os pés, suas palavras ou novas tipografias inventadas com fragmentos de letras.

Esta mobilidade das letras metálicas no piso da sala induziu à criação da performance 'Avantypus' concebida por Celina Lage e João Diniz, que aconteceu em diversas ocasiões durante o período da mostra, podendo ser visualizada em alguns vídeos aqui listados. Para tal atividade, seus criadores redigiram o seguinte texto propositivo:

Avantypus: performance em dois tempos:

As letras no chão sugerem um caminho de entendimento verbal, um idioma convergente.

Num primeiro momento a dinâmica dos diálogos buscados, nem sempre estão em acordo, configurando um ambiente de caos polirrítmico.

Após essa catarse inicial imagina-se a possibilidade do aprendizado e da evolução, indicando que, para um mundo convulso, é necessário criar linguagens, ou traduções revolucionárias, que transformem a desordem em serenidade.

Aí os agentes dessa progressão benéfica se empenham em inventar novos caracteres, a partir da ruptura das grafias do passado, para que com eles se escrevam as inéditas palavras da transformação.

Nesta sala estão ainda o 'Díptico Vermelho' e a grande tela 'Typos Estraños' que fizeram parte da série e exposição de mesmo nome, e que têm as letras metálicas usadas como moldes ou máscaras para a pintura em spray.



Imagens: SALA 4
Fotografia: Helena Fragoso



Imagens: SALA 4
Fotografia: Helena Fragoso



RELEITURA ESVOAÇANTE

A Sala 5, que é o espaço final do percurso da mostra.

Ao longo do trabalho com as grandes letras de metal, a partir de 2019, surgiu a necessidade de usos de um alfabeto menor, que pudesse gerar obras de dimensões mais reduzidas. Foi então confeccionado em papelão a tipografia onde as letras geométricas, em forma ou contraforma, partiam de um quadrado de 20 x 20 cm. A partir da utilização desse conjunto tipográfico nasce a série 'Decifráveis', que a partir da sobreposição das palavras, propõe uma espécie de hieróglifo contemporâneo, convidando o observador à sua decifração. As obras dessa série neste local, completam o conjunto iniciado na sala 3.

Ainda utilizando essa tipologia geométrica, mas neste caso em dimensões bem maiores, foi executada em outubro de 2021 a instalação 'Poéticas Leituras'5 no vão central entre as duas torres do conjunto Sulacap em Belo Horizonte, por ocasião do evento coletivo 'Festa da Luz BH'. Para esta instalação foram criadas 13 faixas de 12 x 1,5 metros que pendiam flutuantes, numa montagem em diálogo com os edifícios e com a cidade, sendo percebidas à distância, e fazendo parte dos trabalhos autorais que o arquiteto denomina 'Poesia Urbana' onde o texto e seu suporte interagem com amplos espaços públicos.

Na instalação da sala 5, três destas grandes faixas são dispostas longitudinalmente, partindo do teto da sala e ocupando seu piso sugerindo a leitura das palavras 'OUSADIAS DECIFRAR MENSAGENS' que surgem como síntese de toda a exposição.



Imagens: SALA 5
Fotografia: Helena Fragoso

DIÁLOGO ANTECIPATÓRIO

Na época da montagem da exposição, no sentido de se travar diálogos sobre a os conceitos da mostra e suas relações com literatura e arte, foi enviado a Lucas Guimaraens, o já citado livro em andamento, com o mesmo nome do evento que se seguiria, e este retornou o texto-carta abaixo reproduzido, onde Lucas, mesmo sem ter visto a instalação das obras que se daria a seguir, reflete sobre elas.

COMO O SERTÃO, JOÃO SÃO VÁRIOS, por Lucas Guimaraens, 2022

Meu caro Poeta J.,

Seu Poematéria é matéria para um livro sobre o livro, sobre as artes, sobre o reconhecimento de si mesmo, dos outros e do próprio mundo. Se o concretismo de 1951 chegou ao Brasil por meio do artista e arquiteto Max Bill, nesta sua obra eu vejo um verdadeiro divisor de águas. Aliás, na extensa definição de Poematéria, você não utiliza a palavra “concreto” ou “concretista”.

Isto demonstra que o ponto de inflexão entre você e a santíssima trindade concretista da palavra se encontra em uma visão absolutamente madura do fazer espacial – ser consigo – dasein, expressão de Heidegger que significa, de maneira muito simplista, no “Ser-aí-no-mundo”.

Quando eu digo de seu momento de inflexão concretista, lembro-me especialmente da Introdução do excelente livro de traduções de poemas de Byron e Keats feito pelo augusto Augusto de Campos (editora Unicamp, eu acho).

Lá, ele já começa com um certo mea culpa, o que é nobilíssimo: “Uma das poucas vantagens da longevidade é a de poder reconfigurar conceitos e preconceitos, uma disposição que me fez reconciliar-me com poetas aparentemente tão distantes dos meus projetos juvenis de poesia (...)”

Como sabemos, o concretismo paulista, absolutamente genial para retirarmos os grilhões oxidados da poesia de origem modernista/europeia, também teve um lado nefasto: apagou (ou tentou) diversos poetas e escolas anteriores, como o romantismo e notadamente o simbolismo brasileiro, apesar de ter colocado Pound, e.e. cummings, Mallarmé, Apollinaire como os precursores do movimento.

Paralisaram a compreensão de poiesis no Monte Parnasso e por ali ficaram por longo período. Para eles (Décio, Haroldo e Augusto), o objetivo era aliar os recursos gráficos à arte (música, poesia e artes plásticas) e abstrair-se de todo envolvimento com o lirismo e o sentimentalismo artístico.

Do meu humilde ponto de vista, isso já foi um equívoco, haja vista que as sementes do concretismo nasceram na Grécia antiga e era realizado nas ágoras, para todos e com todos, uma tentativa comunicacional arraigada exatamente nos sentimentos do momento, live.

Ora, aí você já começa (e continua) com o seu calibre, com sua régua e compasso de um caminho original e originário, a meu ver, desde o seu poema “Infinito” que não nega a humanidade e seu humanismo, o sentimento, as conexões, o coletivo, além de abusar positivamente de toda pedra do chão: as cores, o ludismo, a fita à la Lygia Clark no seu trabalho “Caminhante”, enfim, uma convergência de intertextualidades que é também absolutamente original e originário, posto que, de tão diversificadas são suas formas e suas expressões, seu livro é na verdade uma ágora aberta no deserto, um local de todos e todas e não de uma escola ou preferência estética específica.

Você abusa positivamente da rima (já não dizem os grandes críticos literários, mesmo Pound, que toda fala é passível de metrificação? Basta vermos o que o genial Hermeto Pascoal faz com determinados discursos), como abusa também da ironia e da brincadeira, o que remete diretamente a outro grande esquecido da literatura mundial, Rabelais, quando ele nos diz que “le rire est le propre de l’homme”, que poderia ser traduzido ou como “o riso é próprio ao homem” ou “o riso é o limpo do homem”.

Seus ensaios tipográficos, a meu ver, têm mais relação com os ideogramas chineses (lá vem Pound novamente!) do que com o concretismo em si, o que leva sua obra, mais uma vez, para a senda do originário.

Uma coisa não pode ficar de fora: você é arquiteto. E, aqui, ele não concorre com o poeta. É uma visão holística que persevera. Em suas subdivisões, há a museografia que nos diz que a arquitetura é palavra e não que a palavra é arquitetura.

Isto é todo um outro viés e necessitaria de um longo tratado. Mas é também (não unicamente) o que você faz. Tudo o que você faz é transcultural, logo é palavra, logo é comunicação através da estética: esta tentativa de incompletude potente que nos cerca e que tentamos, como meninos recém desmamados, preencher: o reconhecimento de si mesmo, o reconhecimento do outro e o reconhecimento do mundo: um eco profundo, emissões e recepções que nos fazem humanos, demasiadamente humanos.

Você, caro Poeta, me completou.

FUNCIONALIDADE COMUNICATIVA

Luís Turiba, poeta, jornalista e criador da conhecida revista nacional de poesia 'Bric à Brac', também foi enviada a edição digital inicial de 2020 do livro POEMATÉRIA, e este prontamente se propôs a, mais que dialogar sobre as ideias contidas no arquivo, escrever.

O texto-poema sobre o conjunto de obras, usado como uma das apresentações da mostra. Turiba, em matéria anterior sobre os trabalhos de João Diniz(6), cria o conceito de Poesia Funcional refletindo sobre a materialização da palavra em diversos suportes. Abaixo o texto exposto na montagem de 2022.

UMA POESIA FUNCIONAL, por Luís Turiba, 2020

João mistura tudo e depois costura

Como arquiteto projeta seus poemas
para além das pranchetas

Sua régua e seu compasso trazem aquele abraço
João desenha palavras concretas que rimam e dançam

Às vezes balançam na batida beat de balalaica
Tudo com muita leveza & beleza & marcação atávica

Sua arquitetura é dançarina poética
Feito um panô bashô estampado de teatro nô

Palavras que se cruzam e
se iluminam em quadros de neon

Querem dizer isso mas dizem aquilo
Funcionam como pontes que interligam
caminhos de linguagens
Poesia para ele é síntese

A letra é recortada do ferro e do aço
Seus poemas fogem das páginas
Sua poesia é funcional

Seu livro está em praças,
em exposições, em estamparias

Versos que dão bom-dia à meia-noite
Frases que são toques em teleco-tecos
São grandes, são pequenas
Se enroscam que dão gosto

Se esticam sem atritos
Se alargam em vastos brilhos
que palavras podem acender

O caminho da sua poesia
é feito por luzes e cálculos
A medição da emoção está na não-ação

Nada é visto como deve ser
Às vezes você está dentro do poema e nem repara
É risco e é rabisco.

É som é movimento
João traz no nome a responsabilidade de ser João

E essa a função,
Quem há de duvidar?



Imagens: SALA 5
Material de exposição

LEGADOS PROCESSUAIS

A maioria dos trabalhos que fazem parte da exposição foi produzida entre 2020 a 2022, alguns deles no período mais agudo da pandemia. Foi sugerido pela curadora Celina Lage, em um dos encontros durante a exposição, que estas criações continuem em si um oculto registro deste período repleto de vírus, temores e esperanças, e que isto poderia ser entendido como um dado histórico deste conjunto de obras.

A partir da abertura da mostra e dos trabalhos de divulgação feitos pela produtora cultural Andrea Dario, a exposição ganha boa divulgação na imprensa mineira como a página(7) do jornal O Estado de Minas, e a matéria televisiva no programa cultural 'Agenda' da TV estatal da Rede Minas(8).

A eficiente equipe do Centro Cultural da UFMG registrou todas as atividades ocorridas durante o período da mostra e com este material editou o filme da série 'Encontro com Artistas' (9) com a fala das curadoras Marília Andrés e Celina Lage, de João Diniz, registro de performances e tomadas dos espaços expositivos.

Na data de abertura da exposição a fotógrafa Helena Fragoso realiza significativo ensaio fotográfico com composições incluindo as obras expostas em interação com seus visitantes.

Diversos galeristas e produtores culturais estiveram na exposição acenando com possibilidades de

desdobramentos em outros espaços culturais, como o espaço expositivo da Escola de Letras da UFMG, e outras galerias da cidade. Uma nova exposição com a série 'Decifráveis' é inaugurada em dezembro de 2022 na galeria do Café Oop em Belo Horizonte.

Na época da abertura da mostra o Centro Cultural da UFMG publicou em seu website matéria com o release oficial e imagens de divulgação do evento (10).

Um plano sequência passando por todos os espaços da exposição e mostrando no final uma das performances 'Avantypus' em versão realizada por João Diniz e Celina Lage também está publicada online(11).

CRÉDITOS PROCESSUAIS

FICHA TÉCNICA

POEMATÉRIA ARQUITETURA DA PALAVRA

Exposição no Centro Cultural da UFMG de 19 de maio a 15 de agosto de 2022

concepção: JOÃO DINIZ

curadoria: MARÍLIA ANDRÉS e CELINA LAGE

expografia e montagem: BEL DINIZ

assessoria de imprensa: ANDREA DARIO

edição final vídeos: MÁRCIO DINIZ

confecção peças em aço: ACCERO

fotografias: BEL DINIZ, HELENA FRAGOSO e JOÃO DINIZ

serralheria complementar: SHEIK BAMBA

molduras: MAXWELL TELLES

diretor do CCUFMG: FABRICIO FERNANDINO

equipe de produção do CCUFMG: MARCUS DE QUEIRÓS e RONAN LOPES

AGRADECIMENTOS

Marília Andrés, Celina Lage, Bel Diniz, Márcio Diniz, Ângela Diniz, Sheik Bamba, Jéssica Neves, Rodrigo Leste, Luís Turiba, Rosangela Costa, Selma Bruno, Luan Batista, Yasmin Almeida, Jorge dos Anjos, João Aroldo Pereira, Maurício Andrés, Rick Bolina, Zal Sissokho, Dorota Wisnewska, Leri Faria, João Grillo, Eduardo Faleiro, Bia Quaresma, Lucas Guimaraens, Sylvio Coutinho, Fagner Dias, Juan Pablo Gonçalves, Fabricio Fernandino, equipe CCUFMG, Festa da Luz BH 2021, CasaCorMG, Accero Arte em Aço, Vivarte.

UM CURRÍCULO DE ARQUITETURA EXPANDIDA

JOAO DINIZ atua como arquiteto em BH com seu escritório/empresa efetuando projetos e obras nas áreas de edificações, urbanismo, arquitetura, design e cenografia. Foi um dos 15 arquitetos brasileiros convidados a apresentar seu trabalho em Sala Especial na V Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo (2003).

Recebeu os prêmios: Primeiro Lugar no Concurso BHCentro (1989), Medalha de Ouro no Fórum Mundial de Jovens Arquitetos em Buenos Aires (1991), Prêmios Espaço da Moradia, Obra Edificada, Monografia editada, Trabalho Teórico, Arquitetura em Aço e Arquitetura de Interiores do IABMG (1997, 2002, 2008, 2010, 2011, 2013, 2015, 2017, 2021), Terceiro Lugar nos concursos para o Campus II e nova Reitoria da Universidade Fumec em (2003 e 2004.), Menções Honrosas na IV Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Engenharia de Quito, Equador, (2004) e no concurso para revitalização do Mercado de Florianópolis (2013), Prêmio Ville de Saint Pierre, Martinica (2007), Premio IAB Nacional Arquitetura de Interiores (2021).

Publicou os livros de arquitetura 'João Diniz Arquiteturas' (2002), 'Depoimento: Circuito Atelier' (2007), 'Steel Life: arquiteturas em aço' (2010). Na área da poesia 'Ábaco' (2011), 'Aforismos Experimentais' (2014), 'O Livro das Linhas' (2020) e 'Futurografia' (2021); dentro outros. Nas artes visuais apresentou as exposições individuais 'Poematéria: Arquitetura da Palavra' (Centro Cultural UFMG, 2022), 'Vetor Vivo' (MMGerda, 2021), 'Teia' (Galeria Corda, 2019), 'Trama' (Galeria Asa de Papel, 2018), dentre outras. Unindo arquitetura e artes apresentou as instalações urbanas 'Cuboesia' (2019) e 'Poéticas Leituras' (2021). No campo da música lançou os álbuns 'Hexágono' em parceria com Lô Borges (2022), 'inspirAction' em parceria com Lamia Ryl (2020), 'Atlântico' em parceria com Zal Sissokho (2018), 'Parlatorium' (2016), 'Abaco' (2012), 'Foz' e 'Welt' (2009). Na área de fotografia e vídeo dirigiu os filmes 'Cutisterrae' (2020), 'Astrolábio' (2018), 'camerAção' com diversos filmes curtos (2017), 'PARISK' (2016); editou os livros 'Budapest Rhapsody' (2016) 'Geometria Informal' (2015), e 'Visible Cities' (2013), 'Com vidro nos olhos' (1978) dentre outros; e apresentou as exposições 'Híbrido' (Dominox, 2018), 'Cores Elétricas' (Galeria Carminha Macedo, 2017), 'Ficções Verídicas' (Galeria Asa de Papel, 2016), 'Roteiros Incompletos' (Cine Belas Artes, 2008), dentre outras.

É professor na Universidade Fumec, e palestrante em instituições acadêmicas e profissionais do Brasil e exterior. Mestre em Construção Metálica pela UFOP (2006) e doutor pela UFMG (2022) analisando seus processos de projeto. Foi orientador premiado como Highly Commended Project EcoHouse Student Competition, RIBA, Londres (2007),

É também fundador do projeto coletivo colaborativo 'Pterodata' dedicado a ações interdisciplinares em diferentes áreas da arte e cultura. Seus trabalhos podem ser vistos na internet em www.joaodiniz.com.br e em portais e redes como Archdaily, YouTube, Facebook, Instagram, Spotify, SoundCloud e outros.

Notas:

1. Estes exemplos análogos estão o ilustrados e fazem parte da palestra 'Arquitetura da Palavra' eventualmente ministrada por Joao Diniz, como em dezembro de 2021 a convite da professora Maria do Carmo Freitas, pra sua disciplina sobre 'Artes da Escrita' na Escola de Belas Artes da UFMG em Belo Horizonte.
2. As colaboração entre Marília Andrés Ribeiro e João Diniz aconteceram na exposição 'Trama'(2018) e 'Typos Estraños' (2019), ocorridas na galeria da 'Asa de Papel Café e Arte' em Belo Horizonte.
3. Os vídeos que deram origem à edição apresentada na exposição podem ser conhecidos no link:
https://www.youtube.com/watch?v=DjYy2ih_uWVM&list=PLaukl1ugtkQFzKJ0gjkp6Qma0JPOqptFL
4. A obra Çuboesia e Jardim de Aço de autoria de Bel & Joao Diniz, pode ser conhecida no vídeo nos links
<https://www.youtube.com/watch?v=4ybwP7vfmbl&t=7s> bem como no link ; <https://www.youtube.com/watch?v=MwaPvcQAPcU> e também no site de arquitetura Archdaily no link e <https://www.archdaily.com.br/br/934142/pavilhao-cuboesia-and-jardim-de-aco-joao-diniz-arquitetura-plus-bel-diniz-arquitetura>
5. A instalação 'Poéticas Leituras' montada por ocasião da Festa da Luz em Belo Horizonte em outubro de 2021 pode ser conhecida no link https://www.youtube.com/watch?v=n_HNLvYAYJY&t=1s
6. A matéria saiu no suplemento 'Pensar' do jornal 'O Estado de Minas' e pode ser conhecida no link https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/01/31/interna_pensar,1118308/exposicao-em-bh-apresentara-trabalhos-do-poeta-arquiteto-joao-diniz.shtml
7. A matéria saiu no jornal O Estado de Minas em 30/05/2022 e pode ser conhecida no link https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/05/30/interna_cultura,1369795/com-exposicao-em-bh-joao-diniz-reflete-sobre-a-arquitetura-da-palavra.shtml
8. O programa Agenda da Rede Minas de televisão apresentou a matéria no dia 31/05/2022 que pode ser conhecida em <https://www.youtube.com/watch?v=3WJzyzUByek>
9. Link para a o encontro com João Diniz na série 'Encontro com Artistas' preparado pelo Centro Cultural da UFMG <https://www.youtube.com/watch?v=E12IXOmF0Lc>
10. Matéria no website do Centro Cultural da UFMG apresentando a exposição 'Poematéria', no link <https://ufmg.br/comunicacao/ eventos/ joao-diniz-da-exposicao-poematéria-aborda-seu-processo-criativo-em-eventos-no-centro-cultural>
11. Plano sequencia em toda a exposição e performance no link https://www.youtube.com/watch?v=9ZyONC_sIIY



● CONEXÕES URBANAS

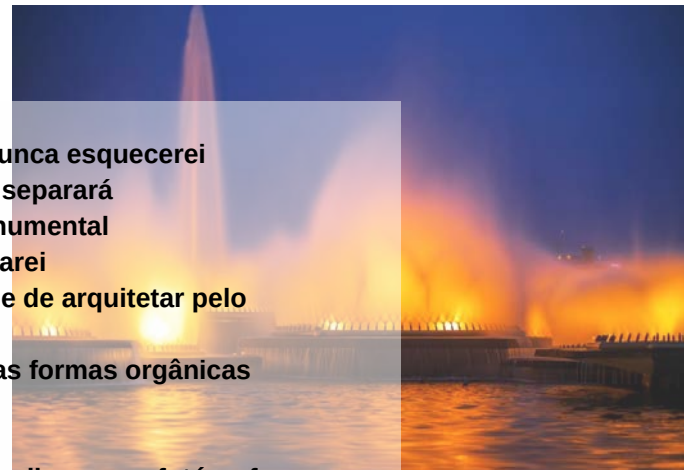


Lucas
Pontes

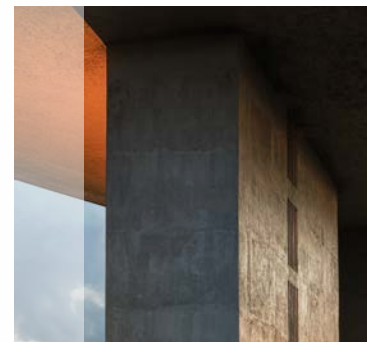
POESIA



Eu sei que das suas curvas, nunca esquecerei
 a distância jamais nos separará
 que da sua escala monumental
 sempre me lembrarei
 Niemeyer que me fez ter a vontade de arquitetar pelo
 mundo
 um amor incompreensível por suas formas orgânicas
 suas asas
 suas satélites
 em seu seio, desfrutei dos melhores dias como fotógrafo
 as andanças
 os protestos
A MINHA GENTE
 os meus candangos
 sua modernidade, nunca encontrei em nenhum lugar
 te levo na minha pele com os azulejos de Athos Bulcão
 A norte, a Sul e o Sudeste
 o contrinha
 o seu verde
 no coração do País
 no centro-oeste, o planalto central
 minha capital
 o seus caos político
 a sua polarização, nunca afetará o pulsar do seu coração,
 rodoviária, teatro nacional, buraco do tatu, amo tu
 superquadras
 setor comercial,
 monumental, parque nacional
 o seu verde
 a sua secura
 as suas gírias,
 véi,
 bloco,
 pardal,
 tudo isso eu encontro na capital federal
 te digo que um dia eu vou voltar
 pode demorar
 uma coisa eu sei, nunca deixarei de te amar.



Fotografias: Lucas Pontes
Brasília, 2022



● GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE



Alexandre
Guerra

"SUBMERSÃO"

UnB
Fotografia de Alexandre Guerra



● GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

NOSSA CULTURA

Juliana
Rampim

O HIBRIDISMO CULTURAL À MESA NATALINA

O Natal se aproxima e com ele uma grande celebração em torno da mesa. Pessoalmente, é um dos momentos preferidos do ano. Conforme novembro passa, eu já começo a procurar novas receitas, a pensar em como a mesa pode ficar mais bonita. Celebro sempre com a família de minha mãe, no interior de São Paulo. Grande parte de nossas memórias são à mesa, acredito que por isso haja um esforço coletivo em fazer com que a data seja sempre especial. Honramos também, tacitamente, aqueles que não mais nos acompanham.

Grande parte das pessoas com quem converso também tem um carinho especial pelo Natal, e, sem surpresas, esse afeto passa por memórias relacionadas à comida. Abordei em outras edições as complexas relações entre identidades, memória e alimentação. São elas que se explicitam em celebrações coletivas, de diferentes maneiras. Também já discuti o fenômeno do hibridismo cultural – tema de minhas pesquisas acadêmicas. Ao me recordar da mesa natalina de minha família, percebi, mais uma vez, o quão palpável ele é.

Lembrei-me de ceias passadas e notei o quanto a mesa se transformou com o passar do tempo. Alguns elementos são essenciais, contudo. Raramente fazemos peru assado, há uma preferência geral por Chester (ou qualquer outro nome que aquele frango “turbinado” receba!), e antes só o assávamos, mas hoje em dia ele recebe temperos e muita manteiga entre a pele e o peito, vimos em algum programa de televisão, ou em alguma receita da internet, e adaptamos a prática. Por vezes, algum molho diferente como acompanhamento também – são essas ideias que procuro desde novembro! O Tender, que é o pernil do porco defumado e processado, também costuma estar na maioria dos Natais, decorado com cravos, coberto por uma camada leve de mel e cercado de frutas em conserva. Acredito eu que seja uma bendita herança dos anos 1980 no Brasil,

quando, me parece, quase tudo era agridoce... Há conflitos com as gerações mais novas sobre isso, em breve começarão os memes sobre uvas passas, por sinal. Além de engraçado, é muito curioso como o gosto se constrói e se transforma em diferentes gerações. Conheço poucas pessoas entre 15 e 30 anos que adorem frutas cristalizadas, por exemplo. E é por isso que preferimos maionese (a “salada”, com legumes, azeitona, palmito e salsinha) a salpicão, a parte mais jovem da família não é fã do agridoce... Outro elemento fixo desde que posso me lembrar, é a farofa de miúdos, receita de minha avó Eunice, atualmente preparada por minha mãe, e com a qual os presenteio ao final desse texto. Todavia, nós comemos tanto que às vezes temos dois tipos de farofa à mesa! E também temos sempre um assado, na brasa ou no forno, como cordeiro, leitão ou pernil.





Esses são os pratos sempre presentes, mas com o tempo e com mais pessoas cozinhando, houve novos preparos. Acrescentamos uma tábua de frios, patês, salada Caprese, cuscuz marroquino, e sempre alguma recém-descoberta invenção de minha parte. Esses servem quase de aperitivos, porque eu sempre gostei de fotografar a mesa e minha família não aguenta esperar o ritual todo da arrumação... Então, preparo pratos extra com porções para poder cuidar com calma da mesa posta. Creio que vocês imaginam que nunca comemos à meia-noite, já que sequer esperamos a foto. Então, por volta das 19h do dia 24 de dezembro, algumas pessoas já começam a beber e a comer. São nossos rituais e eu os adoro, se repetem todos os anos.

As transformações e as manutenções das tradições são evidentes no nosso cotidiano, em identidades diversas pelo mundo, e penso que ainda mais nas celebrações. Convidamos a fazer o exercício de lembrar as próprias mesas Natalinas de suas famílias: o que se manteve? O que se transformou? O que foi adaptado? Esse conjunto é precisamente o hibridismo cultural. A cultura é formada pelas manifestações sociais dos seres humanos, individual e coletivamente, e assim sendo, está fadada à mudança e à fluidez. Essa discussão é importante para desconstruirmos ideais de pureza e originalidade sobre a comida. Esses correm o risco de se tornarem discursos que deslegitimam suposta autenticidade, e, por conseguinte, seu valor identitário como parte de uma cultura. Nossos costumes são constantemente atualizados e não perdem legitimidade porque suas bases são afetivas.

E é esse afeto, cheio de transformações, que desejo que todos celebremos no Natal. Foram meses difíceis e espero que todos encontremos conforto e amor nesse momento, ao lado daqueles que amamos – nas mais diversas formas – e continuemos fortes à espera de dias mais justos e mais afetuosos. Feliz Natal!



Tome nota, Para ouvir:

“Luz do sol
Que a folha traga e traduz
em verde novo,
em folha, em graça, em vida, em força e luz”



Bric a Brac: AngelinaQuaglia

Para cozinhar:

Farofa de miúdos da Dona Eunice Rampim

Ingredientes

- 200g de moela de frango
- 200 g de fígado de frango
- 200 g de coração de frango
- 1 coxa e 1 sobrecoxa de frango
- 1 cabeça de alho
- 2 cebolas
- 150g de azeitonas picadas
- 150g de uvas-passas
- 1 tomate maduro picado em cubos pequenos
- 500g de farinha de mandioca torrada
- Cheiro-verde (salsinha, cebolinha e manjerona)
- Sal a gosto
- Pimenta-do-reino a gosto
- Azeite quanto baste

Modo de preparo

Em uma panela grande doure a coxa e a sobrecoxa, as moelas e o coração. Retire e reserve. Refogue a cebola, o alho e, depois, o tomate até desmanchar. Volte os ingredientes que dourou à panela e, agora, também o fígado.

Acrescente as azeitonas e água para cozinhar o frango. Depois de bem cozido e secando a água, desligue o fogo, retire os miúdos e o frango para picar e desfiar. Volte tudo à panela e acrescente as uvas-passas e o cheiro verde picado. Espere esfriar e acrescente 500 g de farinha de mandioca. Corrija o sal e a pimenta. O ponto da farofa é quando ficar bem solta.





Carlos
Eduardo
Garcez

● O NOBRE CAFÉ

CAFÉ E SUAS ONDAS

“A vida é melhor depois do café”

Essa frase estampa os nossos copos, e o café faz parte do meu dia a dia e de muitas pessoas que passam por aqui. Além de ser meu trabalho, se tornou um estilo de vida e uma paixão. Um café para acordar, um café para ler; trabalhar; fazer uma reunião; um bate papo; enfim, quase tudo pode ser acompanhado de um delicioso café.

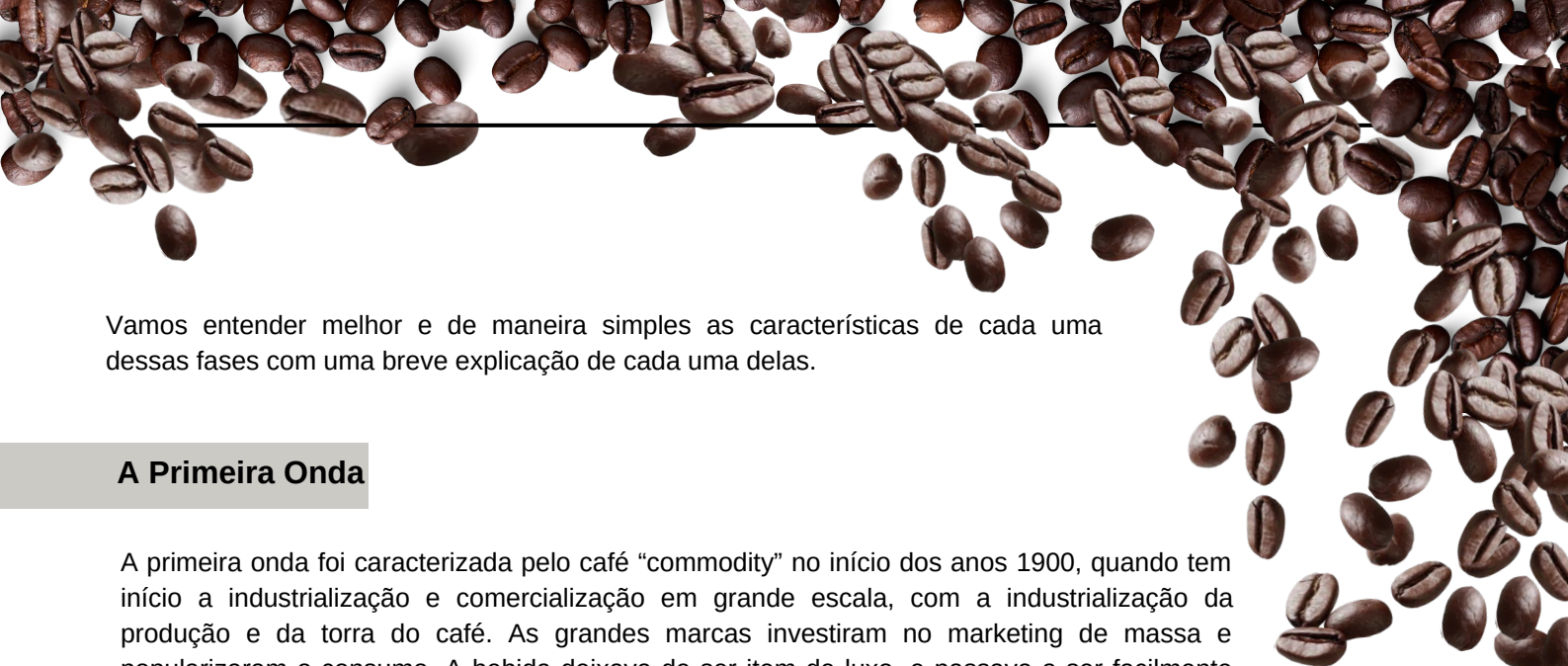
A segunda bebida mais consumida no mundo é responsável por movimentar uma enorme cadeia econômica (1), são muitas as pessoas envolvidas desde o produtor, até ser servido na xícara.

Neste artigo, farei uma breve apresentação sobre a história recente do café, desde sua popularização até os dias atuais com o valorizado café especial (2).

As ondas do café

Na busca de entender e atender a demanda dos consumidores, a forma de como o café é consumido foi se reestruturando no decorrer dos anos. A norte-americana Trish Rothgeb, da Wrecking Ball Coffee (cafeteria e torrefação em São Francisco, CA) escreveu um artigo no início dos anos 2000 a respeito das ondas do café, cunhando o termo "as ondas do café". Desde de então o termo ondas do café tem sido utilizado pelos profissionais da área e apreciadores para explicar a maneira como consumo do café evolui no decorrer dos anos.





Vamos entender melhor e de maneira simples as características de cada uma dessas fases com uma breve explicação de cada uma delas.

A Primeira Onda

A primeira onda foi caracterizada pelo café “commodity” no início dos anos 1900, quando tem início a industrialização e comercialização em grande escala, com a industrialização da produção e da torra do café. As grandes marcas investiram no marketing de massa e popularizaram o consumo. A bebida deixava de ser item de luxo, e passava a ser facilmente encontrada no comércio varejista.

O consumidor de café buscava o estímulo energético com a ingestão da cafeína, sendo que a origem e a qualidade do café não tinham importância, tendo como característica uma torra bem escura e amargor acentuado.

A Segunda Onda

A Segunda Onda surgiu no final da década de 60, e estendendo-se até a década de 90. Foi uma época de inovação na maneira de se consumir o café, onde houve melhora na qualidade do café consumido, e uma preferência na utilização do café arábica.

Surgiu o Barista, profissional capacitado a preparar cafés e bebidas à base de café como os lattes; cappuccinos; frappuccinos e também passar informações aos consumidores sobre o produto. O café passou a ser apreciado, e surgiram as cafeterias especializadas, que ofereciam um ambiente aconchegante, com bebidas inovadoras à base de café, atraindo o público jovem.

A Terceira Onda

A terceira onda surgiu em meados dos anos 2000 e deu continuidade aos conceitos iniciados durante a segunda onda. Conceitos como terroir e origem única foram introduzidos, bem como as informações da origem do café como o nome do produtor e da propriedade e lotes, informações relevantes para os consumidores.

A preocupação com a origem do grão, e cada detalhe do processo até o café chegar à xícara, passou a ter mais importância. O preparo do café tem métodos bem refinados, e uma xícara de café se tornou um ritual de apreciação.



Bric a Brac: AngelinaQuaglia

Na terceira onda os Baristas começam a ganhar reconhecimento, pois além das informações a respeito dos produtores e torrefadores, são um dos principais responsáveis pela criação de uma bebida de qualidade, a partir do café. Cafeterias de cafés especiais, buscam oferecer experiência com cafés e seus métodos de extração, harmonizam a experiência gastronômica com cafés e bebidas à base de café. E para os mais apaixonados, **os coffelovers**, cada visita vira uma troca de experiências com os Baristas a respeito dos cafés especiais.

Recomendo para o leitor da revista visitar uma cafeteria de cafés especiais(3) e bater um bom papo com um Barista, mundo dos cafés especiais encanta e como muitos dizem “é um caminho sem volta”.

Notas:

(1) O Brasil hoje, segundo a Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), vem ser o maior produtor e exportador de café do mundo, e o segundo maior mercado consumidor.

(2) Café especial é o nome dado aos cafés de alta qualidade.

(3) *Notas editoriais. Nós da Revista 15.47 sugerimos uma visita ao SABORETTO CAFÉS ESPECIAIS, para que iniciem a conversa com o Barista pelo nosso colunista, Carlos Eduardo Garcez. Seguem os endereços. Conheçam as delícias feitas com café, e os acompanhamentos fabulosos, no Sudoeste - CLSW 300B bloco 4 Loja 4 -, ou na Asa Norte, SHLN Bloco F Lt 5, Térreo - Ed. Primo Crosara.*



Fotografias: saborettocafesespeciais





Angelina
Quaglia

● **GASTROCITIES**
UM CURTO EU CONTO

POR QUE RABANADA?

UMA MEMÓRIA CALÓRICA, + TUTTI SABATI E DOMENICHE

Sábados e domingos sempre foram meus dias preferidos. Os demais eram comuns, banais sobre a óptica de uma criança que gostava, ansiava, por estar em família. Eu sempre me sentia muito sozinha. Era nos finais de semana que via meus primos e tias chegarem para aproveitar o nosso jardim e a piscina, e também quando eu via minha mãe andando de lá para cá, trazendo frutas e sucos, fazendo o almoço, e tomando sol! Tudo ao mesmo tempo, realizando essas múltiplas funções! Tudo era festa!

Na casa da minha avó materna, o barulho dos finais de semana era ensurdecedor, bem como o das festas. Não tinha como ser diferente numa família enorme, formada por 13 filhos, cônjuges e agregados, netos e bisnetos. Era assustador. Já na casa da minha avó paterna, as coisas eram menos barulhentas, mas, não menos animadas.

Engraçado observar que, sempre ao pensarmos nos finais de semana e nas festas de final de ano, intitulamos as casas como das nossas avós. O feminino é forte demais nesses momentos. A relação das matriarcas com as festividades é potente, parte de uma força estarrecedora, que nos impede de enxergar o masculino aqui. E vejam, o aniversário é de Jesus, e o "papai Noel" é homem. Claro que as referências sociais impedem-nos de reverenciar Maria, que pariu Cristo sozinha, com o auxílio do marido, numa manjedoura, e de lembrar que, enquanto o Papai Noel trabalha, é a sua esposa, a Mamãe Noel, que faz os petiscos que o alimentam, e aos seus, e entendam aqui, "aos seus", como os duendes e seus agregados. Ele não é gordo a toa, não acham? Tudo certamente é regado a RABANADA!

Por isso a presença da rabanada, além do sabato e domenica, deveriam existir como dias de festividades obrigatórios, indo muito além dos Natais e Anos Novos. Afinal, esses são dias de mulheres fortes, que protagonizam em nossa sociedade o fazer que torna as festas, de fato, AS FESTAS, que permitem a união de todos. As custas de algo, se paramos para pensar.

Somos uma sociedade patriarcal, que na realidade só funciona por ser matriarcal! Somos nós, as mulheres, a força motriz que gira esse mundo, a surpresa nos olhos que se enxergam nos espelhos, e a feitura das festas, das rabanadas, de tutti sabati e domeniche!

Gaia é uma mulher que pariu e gestou, gesta, é a natureza! Penso que o Universo deve ser feminino, porque a cada dia nascem novas galáxias, paridas; são apartadas as brigas das estrelas que formam as super-novas; e existem quasares, frutos de um caos ordenado que dança. Quem seria capaz de ordenar o caos? Nós, mulheres!

O fazer a rabanada no dia de Natal é um exemplo desse caos ordenado. Minha mãe assava o pernil, porque não queria mais ninguém fazendo isso, minhas avós faziam os quitutes, com ajuda das empregadas domésticas das suas casas, e minha tia Nice, assava panetones até quase a hora do Natal, e ainda aparência impecável, como uma estrela de cinema. É isso. Nós ficamos "até quase a hora das festas", sejam essas os "simples" DOMENICHE, ou festividades, a trabalhar! E ainda precisamos, porque nos achamos obrigadas, a ficarmos lindas! Exaustas, mas lindas!

Acho que a vida é regada a doces rabanadas, sábados e domingos, e só percebemos quando não os temos mais, por decisão nossa, ou por destino! É bem verdade que não temos deixado, de fato, de protagonizar sozinhas algumas funções que a nós foram impelidas, ao longo dos séculos.



Figura 01: Feituras
AngelinQuaglia

Simone de Beauvoir, em "O segundo sexo" (2002) contou-nos sobre esse papel importante e de forte protagonismo, dado a nós mulheres, como mães e esposas, numa sociedade extremamente patriarcal, que nos exige muitas vezes a "missão" de sermos as guardiãs dos lares, e também suas provedoras, onde, de certa forma, devemos seguir desprovidas de desejos próprios. E aí de nós que ousamos desejar! Seremos julgadas por outras mulheres quando ousarmos a realização além da maternidade, até porque, essas que nos julgarão não conseguiram, ainda, evadir-se do mundo feminino tradicional.

Compreendo Simone (vejam quanta intimidade), ao afirmar que exigem das mulheres tanto quanto dos homens, quando ofertam-nos oportunidades, que nunca são comparáveis a altura de nossos companheiros. Mas também entendo, e respeito, as opções de algumas mulheres por tornarem-se guardiãs das coisas de casa, e apenas isso. Porque para algumas evadir-se do "ranço" social, nesse nosso mundo, é ousadia a ser punida e criticada.

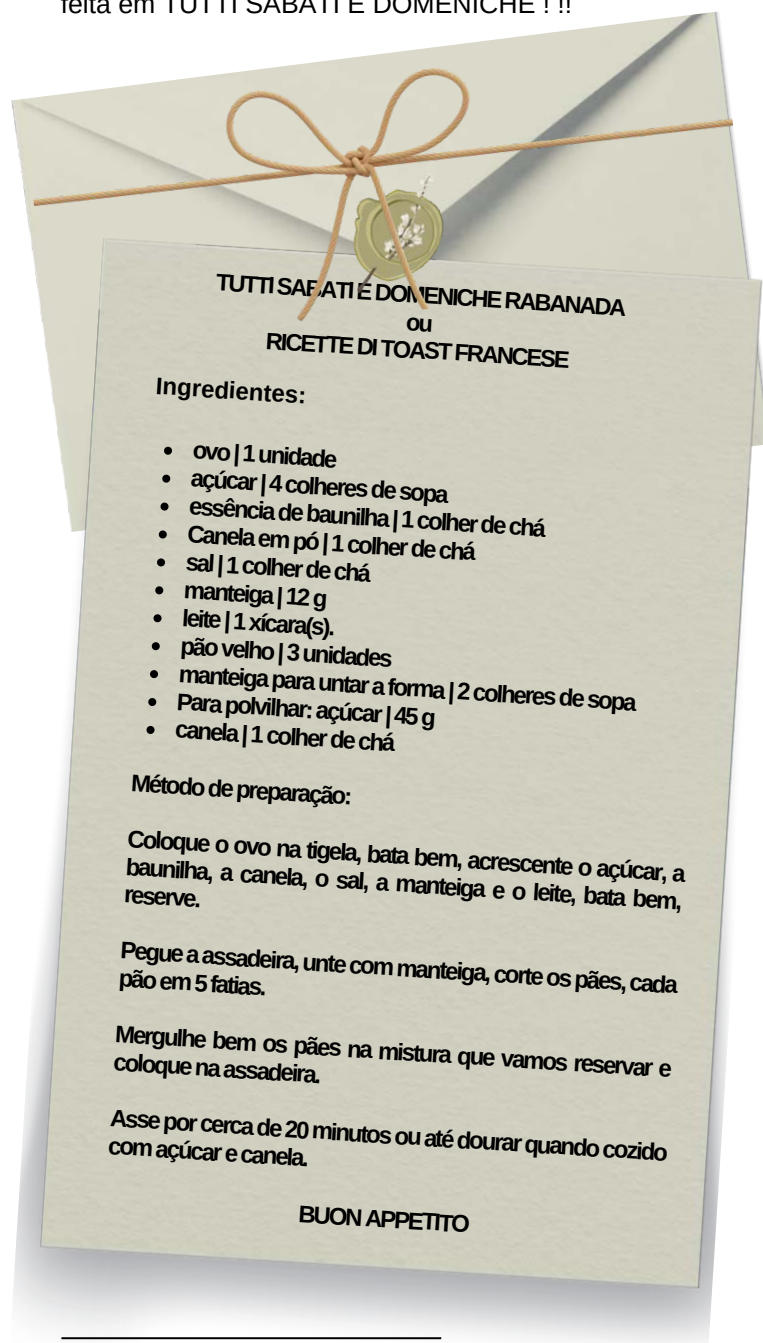
Penso que os sábados e domingos serão sempre "dias comuns" para algumas de nós. De fato são, para essas senhoras que muitas vezes estão a trabalhar nos finais de semana nas nossas casas, nos natais das nossas famílias, abdicando das suas próprias, a auxiliar no cuidado de outros filhos, e de outras mães. Há também aquelas que, por sentirem necessidade de estar mais perto dos filhos, optam por cuidar da casa, e por não aceitar que podem desejar, passam a perceber os dias como "comuns". Mesmo que compreendam poder ansiar deixar por mais tempo o ninho. E ainda há algumas que trabalharão os sete dias da semana, em múltiplos empregos, com múltiplas tarefas, chegando em casa após um dia cansativo já a preparar-se para a próxima jornada. E nisso, quem ajuda na feitura das rabanadas?

O que quero dizer até aqui, e explico para que melhor faça-me entender, é que sair da bolha do feminino imposto, é deixar renascer os sábados e os domingos, e compartilhar com parceiros outras formas de histórias, remodelando as feitura das rabanadas de Natal. É torná-las algo festivo, permitindo o descanso, compartilhando os trabalhos.

Termino dizendo que ainda sinto falta de alguns sabato e domenica, porque ao sair da bolha que era

imposta a mim, vivenciei as mesmas sensações de "abandono" e solidão da infância, desejando como expressei, que as calóricas rabanadas e os dias de encontros memoráveis da semana, aqueles que devem ser incomuns, sejam como festas de Ano Novo e Natal, para todas nós!

Segue, então, uma boa receita de rabanada, para ser feita em TUTTI SABATI E DOMENICHE !!!



Bibliografia:

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



Jorge
Nassar

● MÚSICA E GASTRONOMIA

COZINHA MUSICAL

TOAD THE WET SPROCKET + ROSBIFE DE FILÉ MIGNON AO MOLHO POMRE



Não há prazer maior para quem gosta de cozinhar do que fazê-lo ao som de uma agradável música. O tempo passa melhor, o corpo reage melhor aos estímulos, tanto sensoriais do olfato e paladar, quanto dos estímulos da psique, proporcionados pela conexão sonora. Enfim, a música e a cozinha combinam bem demais. Um prepara o outro, por assim dizer.

Então hoje vamos fazer uma receita bem básica de uma carne com molho, e faremos ao som de uma banda californiana muito pouco divulgada no Brasil, mas que já tem mais de 36 anos de estrada, com alguns álbuns lançados com músicas para agradar os ouvidos mais exigentes. O nome da banda, que soa para nós muito estranho até na pronúncia é **“TOAD THE WET SPROCKET”** (difícil achar uma tradução para o português), inspirado na série de comédia britânica **MONTY PYTHON**, sobre uma banda fictícia.

A música que sugiro ouvirmos, para fazer a receita proposta, se chama “Starting Now”, que é uma reflexão sobre o quanto deixamos de fazer por causa das nossas crenças limitantes. A música nos exorta a adotar uma nova postura, sem esperar o “momento certo”, que, como diz a letra, já passou há alguns anos. Então, não façamos mais planos de mudança, mudemos agora, já! Comece agora! O amanhã sempre será mera expectativa, o hoje é fato, e o passado é aprendizado.

Uma grande frase da música, que ressalta que nós não carregamos nada desta vida quando chegar a nossa hora, e ressalta que “tudo o que eu tenho é emprestado dos meus filhos”, numa clara alusão de que nada do que juntamos jamais será nosso, e sempre terá um novo destinatário.

O que sempre podemos carregar conosco são os nossos bons sentimentos, a nossa fé, os bons feitos, sendo esse o legado que nos tornará “imortais”, pelo menos na lembrança daqueles que amamos.

Isto é, a hora de amar é agora. A hora de fazer as pazes e pedir desculpas é agora. A hora de fazer o bem é agora. A hora de despir-se de tudo que nos prende e nos impede de crescer é agora.

Que as horas sejam sempre o presente. Que o “depois” não seja mais a regra, mas o “já” seja o nosso motor perpétuo.



Aproveite a letra e a melodia dessa agradabilíssima música que nos encanta os ouvidos e nos engrandece a alma.

Na cozinha

Vamos preparar um delicioso Rosbife de Filé Mignon ao molho Poivre de pimentas rosa e branca. Não vou quantificar o filé, porque cada um sabe pra quantas pessoas pretende cozinhar, então pode ser uma peça de 400g, pode ser de 1kg (1,5Kg). O processo será o mesmo.



A primeira coisa é sempre, caso o filé não venha limpo, é retirar todas as partes de gordura e dos espelhos de nervosidade. Para este processo, facas bem afiadas são fundamentais. Uma sugestão é limpar usando a faca entre a carne e o espelho de nervosidade, para que não haja perda de carne. Separe a cabeça do filé para outros fins, e use o corpo para o Rosbife.

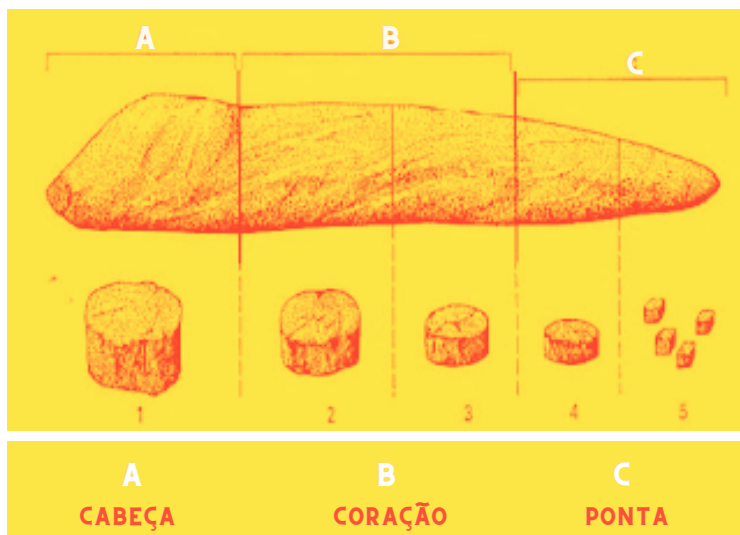
Parta o filé em peças de aproximadamente 400g. Você pode usar tempero completo de seu costume para temperá-lo, ou apenas sal e pimenta. O importante é envolver todo o filé com uma camada fina desse tempero. Em seguida você usará um saco de alimentação (acham fácil em supermercados), para mariná-lo. Como? Coloque as peças de filé nos sacos de alimentação, e jogue umas 2 a 4 folhas de louro, junto a aproximadamente meia xícara de chá de vinho tinto. Tente tirar o máximo do ar do saco e feche-o. Leve-o à geladeira e deixe por pelo menos 3 horas. Se puder deixá-lo de um dia para outro, é ainda melhor. Todos os sabores vão entrar profundamente nas fibras da carne.

Preparo do Rosbife

Numa panela bem quente, adicione uma colher de sopa de óleo ou azeite (eu prefiro o sabor do azeite). Quando começar a “fumaçar” o óleo, coloque com cuidado as peças do filé e deixe a carne selar (cozinhar apenas fora), dos lados, por aproximadamente um minuto e meio (cada lado).

Permaneça virando a carne. O rosbife é uma carne de preparo relativamente longo, porque o cozimento interno da carne depende desse tempo em que a carne ficará virando na panela. Quanto mais tempo permanecer, mais o ponto vai ficar apurado. Para um ponto rosado, o cozimento desse filé deve durar entre 7 a 10 minutos, sempre virando a peça na panela. Retire do fogo e reserve. Não corte de imediato. Deixe a carne descansar, como dizemos no jargão culinário.

ATENÇÃO. É comum o Rosbife nesse período de descanso perder uma parte de seus sumos. Esse “suco de carne” será importante para o molho.



**ATENÇÃO!
USE FACAS AFIADAS!**

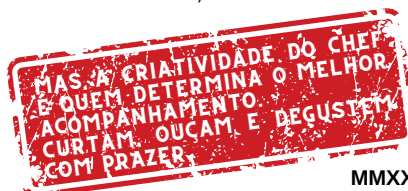


Preparo do molho au poivre

Na mesma panela que fizemos o rosbife vamos preparar o molho poivre. Nela jogue uma colher de sobremesa de manteiga na panela para fazer a deglaçagem, em fogo bem baixo, mexendo bem, a manteiga nessa “borra de carne” que ficou na panela. Em seguida, comece a moer as pimentas (rosa e branca), ou bater num pilão, juntas, deixando as pimentas “fritarem” sem deixá-la torrar.

Em seguida adicione meia xícara de vinho branco e deixe reduzir (perder o álcool) por 1 minuto, em fogo alto. Adicione o suco da carne que está na “reserva do rosbife”. Mexa bem até que tudo esteja incorporado, e adicione o creme de leite. Mexa vigorosamente até que o molho ganhe uma coloração entre o marfim ou bege. Adicione uma colher de chá de açúcar refinado, e corrija o sal se necessário. O sabor deve ser suave com leve picância e de textura cremosa. Reserve.

Corte os rosbifes com espessuras de 7 milímetros. Disponha-os numa travessa e derrame o molho poivre por cima da carne e sirva. Acompanha muito bem massas frescas, risotos e batatas sauté.



● SAÚDE E BEM ESTAR



Maria Helena
Costa

A DOR QUE MINHA ALMA NÃO QUER REVELAR OS 7 PASSOS PARA ME DESCOBRIR

*A dor que a minha alma sente...
Não a saiba toda a gente...
Que estranho caso de amor...
Que desejado tormento...
Que venha a ser avarento,
Das dores da minha dor!....*

(CAMÕES, s.d.
A dor que a minha alma sente)

Hoje, 15 de outubro, dia do PROFESSOR, a 77 dias de 2023, tendo já vividos 288 dias deste desafiador ano, apenas como referência pois, o registro gregoriano definitivamente não estará aliado a nossos anseios, pergunto a cada leitor: qual o seu caminho neste Planeta Azul?

Em meus estudos, no trabalho que desenvolvo, na parceria com Erica Borgonovi, tenho aprendido a organizar mais objetivamente o caminho, pois o tempo é mais e mais precioso. E em geral, elaboramos 7 passos para se alcançar um determinado objetivo. Aqui, apresento o que observo como roteiro para sermos melhores, vislumbrarmos o SER SUSTENTÁVEL, ideal que sempre me acompanha e estudo, desenvolvo para bem experienciá-lo e transmiti-lo.

Falamos sobre transformações há bastante tempo e creio que, cada ser, passe por elas de forma mais intensa, nos últimos anos. Talvez surja aquela inquietude a nos provocar e questionar o sentido da vida, o propósito para aqui estarmos, a nossa missão. Talvez a perguntinha insistente: o que você faz todos os dias que traz sentido à sua presença aqui? Afinal, qual a razão, na vida, a 77 dias de um novo ano?

Somos melhores do que no ano passado, com toda a certeza – o caminho é sempre evolutivo, mesmo que nossas dores, desafios, momentos incertos pareçam

nos mostrar que pouco caminhamos. Veja então momentos em que se sentiu em gratidão, em plenitude e talvez tenha olhado para o alto e expresso um belo sorriso... ou apreciado o por do sol e se permitido preencher, com todos os tons das cores do dia que se transforma em noite, um dos momentos mais belos ao nosso alcance, diariamente e gratuito. Será que o valorizamos?

Esses passos experimentados, nem sempre nessa ordem, são apresentados aos coachees, pacientes que podem escolher vive-los. Afinal, os sintomas que chegam em cada paciente, são todos oriundos de emoções represadas, contidas, em eventos marcantes ou eventos repetidos inúmeras vezes. E de Linfoma de Hodgkin, espessamento da pleura, câncer de mama, de alergia alimentar a crenças limitantes praticamos a transformação de seres que buscam alívio, desejam sanar as dores que, nem sempre são facilmente identificadas, em especial, as dores emocionais. E aqui saliento que cada paciente é acompanhado por médicos em diversas especialidades, psicólogos e chegam com exames e diagnósticos. Fazem a Biodécodage aliada ao coaching, ou um ou outro e, seguem orientados a permanecer com os profissionais que os diagnosticaram.

Em cada um, percebo a descoberta da necessidade do perdão, pela emoção que expressam que traduzem em

movimentos corporais, palavras; em geral, ao final da sessão se referem a perdoar e observar suas atitudes. O processo os leva à compreensão precisa de necessidades e, estas são abordadas e desenvolvidas em sessões seguintes, quando necessárias.

**...Por me não tratar pior,
Se sabe ou se sente, não a
digo a toda a gente!**

**Minha dor e a causa dela.
A ninguém ousou falar...**
(Luis Vaz de Camões, s.d.)

Lembre-mo-nos de que vivemos ciclos... e tudo pode se constituir em nutrientes, desde o artigo publicado, realizações profissionais, a viagem prêmio, o curso no exterior, o convívio amoroso com os desafios vividos por nossos pais, o sítio abandonado, o filho ausente, relacionamento estacionado e, aquilo que nos soa como cobranças, que parecem brotar de todo o lado, ou em tristezas e frustrações. Tudo tem o seu momento e com cada evento, emoção, aprendemos. A Biodécodage nos ensina isso, a cada atendimento, ou mesmo na conversa com as pessoas.

Respirar, respirar...sair de quando em quando para ver o sol ao poente... para tomar um banho reconfortante e soltar tudo... para rezar, para conversar consigo mesmo e perceber, o que o momento lhe traz. Para acessar seu eu interior e, ver o que não foi possível ser visto, por medo, intenso medo de algo que não saberá controlar.

**...Que seria aventurar,
A perder-me ou perde-la,
Pois só em padece-la a minha
alma está contente...**
(Luis Vaz de Camões, s.d.)

Sabemos que no envolvimento com o que nos traz o caos, os sentimentos se confundem. Podemos desejar partir, mas não iremos antes do momento preciso, sem que tenhamos percebido que, nossa missão foi cumprida - assim creio. E por passar momentos inúmeros de desafio, como os descritos pelos pacientes ao cuidarem de seus queridos, sei que tudo passa. E fica uma saudade infinita de quem não está mais aqui; fica um vazio pois de repente, já não temos aquela utilidade... e por aí vai.

Eu quase todos os dias, digo à minha mãe como gostaria que ela estivesse aqui, que ela tivesse acreditado que era possível esperar e recursos chegariam. Estamos a um passo de mudanças fenomenais em tudo. Creio que ela me olhava e pensava: não quero esperar mais nada! E o tempo voa...nossos queridos voam!

**...Viva no peito escondida...
Dentro da alma sepultada...
Ou me mate... Ou me dê vida...
Ou viva eu triste ou contente,
Não quero que saiba a gente!**
(Luis Vaz de Camões, s.d.)

Descubro como é desafiador oferecer oportunidades para transformação às pessoas - e quem disse que queremos mudar? O conhecido, penoso, árduo, cheio de lamentos e frustrações, nos é familiar - a mudança nos tira da nossa confortável zona de imenso desconforto e nos revela a responsabilidade que temos, em tudo que vivemos! E estamos tão doloridos, sós, que nossa amargura nos leva a distrações - um filme, uma novela, um doce, uma bebida ou muitas, um bate papo vago pois se alguém identificar nossa dor nos levantamos e nos despedimos - até à próxima!

Não queiram entrar no meu ninho, no lugar onde armei minhas defesas e me escondo. Não queiram resgatar meus valores e crenças, pois eu não quero ter mais trabalho. Não quero encontrar o outro eu, que é muito melhor, que me exigirá mudanças que desconheço e me desafiarão muito.

Mas de repente surge um lampejo, uma luz pela fresta, algo que me acaricia e me convida a dar um passo. E basta um passo, um passo vivido, sentido, reconhecido - e tudo pode se transformar. Passo a passo - nada acontece de um segundo para o outro, até mesmo o alívio imenso criado na sessão de Biodécodage será internalizado, processado pelo observar de que tudo se torna mais leve. Pronto, eu falei e alguém me ouviu. Eu acessei minha dor e fui acolhida, eu ressinto aquele trauma e me surge uma janela interior aberta, que me convida a olhar para partes de mim, que eu sequer sabia existirem, havia me esquecido. E o mundo externo me enche de demandas e já tenho que as

responder...e me cobro, me ressinto novamente... e assim será até que perceba os infinitos ciclos internos que clamam por emoções expressas, acolhimento, respeito, amor.

Então, em algum misterioso momento que chegará, talvez depois de uma dor mais intensa que as anteriores e, pedirei socorro. Diretamente? Não, raramente será assim. Terei vivido um biochoque, uma tristeza, raiva, perda de controle, talvez um medo, um mal-entendido, solidão...e ao invés de ouvir o que me acontece, acolher, gritar, posso esconder. Então a inteligência do corpo, o biológico, a energia se manifestará. Pedirei socorro pelas minhas células que se desorganizam e me trazem um câncer, um divertículo; ou estou sem direção e torço o tornozelo. Não me expresso e tenho uma infecção de garganta. O medo de morrer pode

trazer dano aos alvéolos pulmonares; o medo de ouvir pode causar deficiências auditivas. Não ser capaz de gritar no perigo que está diante de mim e vem contra mim, poderá causar sintomas na laringe; deficiências visuais como baixa visão pelo perigo que está atrás de mim; manifestações na epiderme pelo medo de estar isolado, separado.

Poderemos ter o privilégio de encontrar um psicobioterapeuta (profissional que sou, ainda ao final do último ano). Alguém que se dedica a me fazer acessar meu ressentir que trará todas as pistas e códigos biológicos para identificar a origem da minha dor, tão específica que não é descoberta por quem olha os sintomas, todos os exames.

Então em algumas sessões, dependendo de cada paciente, as cortinas se erguerão e passo a passo os meandros da dor serão decodificados e, novas perspectivas surgirão, em dias que prometem esperança e acenam com regeneração.

Os sete passos sugeridos aqui resultam de estudos, leituras, práticas ao longo dos últimos 40 anos. Estes contribuem para encontrarmos o sentido da vida, o propósito de aqui estarmos ao acessarmos nosso EU SUPERIOR, na ordem adequada a cada ser são, a meu ver:

1 - Praticar livremente o perdão – perdão por si mesmo – o que permitirá eliminar muitas frustrações; o perdão pelos outros - poupará intensa energia e o direcionará para a clareza, leveza – tudo será melhor, e terá uma visão clara e precisa de quem você é e das expectativas que tem do outro, das que ele lhe apresenta.

2 – Viver os seus sonhos, viver por suas razões – alcançar o que você deseja e não o que os outros lhe demandam, exigem ou sugerem enfaticamente. Para tal, planeje. Desenvolva ideias, pesquise – o melhor roteiro para você, para a sua viagem. O melhor meio de chegar até lá ou de percorrer um longo caminho. O melhor curso, no lugar que oferecerá o pitoresco, o encontro com outras paisagens, clima, sabores e cores.

3 - Não julgar – deixe de pensar ou falar sobre os outros. Sair dessa espiral negativa que se torna um círculo vicioso se você se empenha em julgar, criticar, ainda mais veladamente, sem buscar ser verdade e assumir sua postura perante aquele que é julgado por você. Lembre-se de que cada um vê o outro pelo que conhece, pelo seu próprio caderno de experiências. O outro terá seus critérios de julgamento a seu respeito também. Enquanto olha para o outro, perde a oportunidade de se encontrar consigo mesmo.



Imagem de António Carvalho Vieira da Silva - Porto, Portugal, 2022

4 – Aproveitar então para curar suas emoções – para liberá-las a cada oportunidade que você crie ou que seja convidado a expressá-las – as sessões de Biodécodage são excelentes para isso – a cada uma a caixa de Pandora se abre e oferece magicamente, chaves para a libertação de cadeias de pensamentos que geraram mágoas, distorções, couraças. Livre-se de tudo isso.

5 - Cuidar do seu bem ser, para o seu bem-estar – estudar, desenvolver suas competências emocionais e comportamentais para bem ser – você estará bem onde quer que vá. Você será você, manifestará sua autenticidade, será respeito e não se ocupará com a avaliação externa. Autorresponsabilidade que traz atitudes e ações que levam à autoconfiança.

6 – Buscar evoluir sempre, consistentemente – deixar a preguiça de lado, o comodismo, o conformismo. Ser ação para resolver cada pendência que você identificou e manifestar então novas competências que revelarão seu poder, confiança, disciplina, engajamento na vida. Novamente, passo a passo. Não temos uma transformadora instantânea – seria um choque, insustentável. Um bom livro contribui, um bom curso – mas será temporário o efeito – a prática e o aprendizado pela observação dos resultados que você alcança é que podem trazer efetivos resultados, mudanças desejadas.

7 – Ser generosidade – doar de si o melhor – ajudar os outros e sentir a alegria pela contribuição espontânea - ensinar o que sabe, complementar, praticar com o outro. E você terá o sorriso de gratidão, o olhar amoroso de quem retribui o que livremente recebeu. Este passo é tão expansivo que poderá estimulá-lo a caminhos inimagináveis. Experimente! Aprenda a dar e receber e você viverá o melhor dos mundos não efêmeros. E tenho aqui tantas histórias que dariam um livro.

Assim, desejo que tenha se acolhido ao longo da leitura. Que tenha perscrutado dores da alma que merecem ser cuidadas. Que lampejos de clareza tenham surgido e você decida trilhar novos roteiros, pois afinal, os que você conhece o levarão permanecer onde está. Ouse, ouse e decida agora que mudanças devem ocorrer. Busque ajuda efetiva. Alguém que pegue em sua mão e caminhe junto, talvez que dê um empurrão, ciente de que você é o autor do seu mapa de vida, é o responsável pelo seu barco e o leme está em suas mãos.

Se desejar conte comigo!

E sou gratidão pela sua companhia, pelos momentos em que compartilhamos, algo importante para que novos ventos sejam bem recebidos e, as trilhas sejam desafiadoramente reconfortantes. Vamos juntos!

Bibliografia:

FLÈCHE, Christian. Biodécodage: Tratar a origem emocional de todos os sintomas. São Paulo: Andreolli, 2020.

FLÈCHE, Christian: Sentir para Sanar. Paraná. Instituto e Editora Cintia Chiarelli, 2020.

NIEMIEC, Ryan. Intervenções com forcas de caráter. São Paulo: Hogrefe, 2019.

NOTA DA EDITORA

Até breve

Maria Helena é um ráio de sol e de esperança em minha vida, em nossas vidas. O Orgulho em tê-la comigo, amiga e mentora, e conosco, a mentoriar também os leitores, nos agradeceu até agora. Entretanto Nossa Maria Helena está a preparar-se para o Caminho de Santiago de Compostela, e nos deixará sem textos, porém, acompanhando-a, até julho de 2023!

Somos mulheres fortes, e embarcamos em idéias inovadoras, com pitadas de temperos fornecidos por esse vasto e infinito Universo, do qual fazemos parte!

Que a viagem seja leve, que os pensamentos sejam grandiosos, e que retorne ainda mais feliz do que partiu. Os pensamentos grandiosos, que o vento bata em suas costas e a sombra das arvores, e de seus mais intensos desejos, protejam-na até a volta, do sol forte, e das chuvas desse mundo!

Até breve!



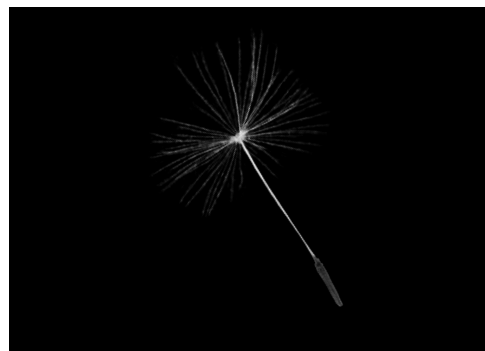
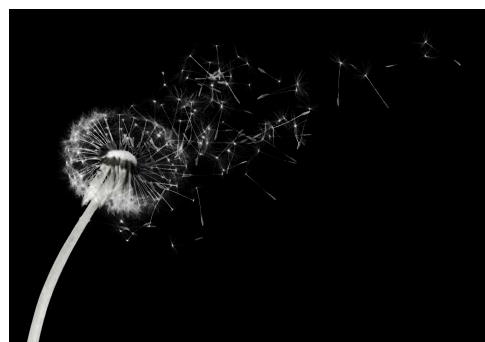
● FILOSOFANDO



Eduardo
Oyakawa

PERGUNTAS AO VENTO

- O que fazer com a alegria?
 O que fazer com a tristeza?
 O que fazer com a esperança e os desatinos?
 E os sonhos?
 E o amanhã errático?
 O que fazer com a morte, sempre à espreita?
 O que fazer com o desejo, nu e inconsolável?
 O que fazer com a estranheza dos dias?
 O que fazer com as distâncias que nos separam a todos?
 O que fazer com o homem incompreendido e arruinado?
 O que fazer com as circunstâncias e as pompas sociais?
 O que fazer com o sofrimento?
 E a filosofia?
 O que fazer com os devaneios impublicáveis?
 O que fazer com a descoberta das flores na casa dos pais mortos?
 O que fazer com a memória? Melhor seria arrancá-la do peito!
 O que fazer com o encantamento inaugural dos olhos?
 O que fazer com a política nos telejornais?
 O que fazer com as coisas singelas e aconchegantes?
 E o dinheiro rareando?
 O que fazer com o descontentamento e a bÍlis vinda do fÍgado?
 O que fazer com a fragilidade essencial dos seres?
 E a discordância entre povos e credos?
 O que fazer com as delÍcias temporais?
 E o perfume amadeirado nos pulsos da mulher amada?
 O que fazer com a solidez dos muros inalcançáveis?
 O que fazer com a nostalgia dos segredos ruminados ao vento?
 E o improvável esquecimento de tudo?
 O que fazer com o vazio brandindo no peito?
 E a imprudência sem sentido do mal-entendido?
 O que fazer com as juras de amor?
 O que fazer com o que nasce e aflora gratuitamente?
 O que fazer com a indiferença das almas solitárias?
 O que fazer com a pretensão dos irônicos?
 E a ilusão da serenidade?
 O que fazer com o luto permanente pelos ausentes?
 O que fazer com a saudade de ti, vizinha?
 O que fazer com a luz no ventre das mulheres grávidas?
 E a alegria do mundo na face do recém-nascido desvelada?





Alencar
Araripe

A PESTE EMOCIONAL

Mundo afora estamos assistindo uma escalada de violência e de expressão de ódio só vistas nos períodos que antecederam as duas Grandes Guerras, serão sintomas?

No Brasil que sempre ouvimos dizer ter um povo pacífico e ordeiro, assistimos o aumento desenfreado de ódio irracional não só no meio político, mas também, pasmem no movimento religioso, principalmente o dito cristão. Distúrbios perversos comandando ações destrutivas, proliferam entre indivíduos que ocupam posições de comando nas diversas esferas, política, empresarial e religiosa, bem como dos seus seguidores, e, tudo em nome de Deus.

Qualquer movimento que fale de prazer; de felicidade; de igualdade; de liberdade, são vistos e combatidos por se diferenciarem de suas pregações de suas maneiras de ser e acharem de como a vida deve ser, ou seja, como eles pregam!

Os traços de caráter odioso e violento que faziam parte da sombra do brasileiro se fizeram presentes com tal força que provocaram destruição de relações de amizades

e também familiares. Embora os discursos digam da “salvação do país”; da luta “contra o mal”; das orações para “afastar satanás”; das “mensagens divinas” e tantas e tantas manipulações que não passam de engodos para a proliferação da peste.

Sem dúvidas, temos nos perguntado o que está acontecendo? Servimo-nos dos estudos do grande psiquiatra e psicólogo europeu pai da psicologia corporal e profundo estudioso do homem e da mulher. Este ser que chamamos de humano para diferenciar das outras espécies animais, ao longo de sua evolução vem sofrendo distorções pela repressão de sua natureza ao ponto de preferir o ter a procurar ser.

Segundo W. Reich: “A natureza não odeia gratuitamente; a natureza não destrói nada por sadismo; ganância, inveja ou fantasias perversas. Somente organismos cuja natureza está severamente distorcida pela supressão das funções naturais de amor, prazer, doação e entrega podem agir dessa forma”.

Essas distorções das necessidades biológicas originais, foram paulatinamente transformadas por

circunstâncias e ações sociais ao ponto de se tornarem traços de caráter, traços como o mecanicismo e misticismo que dominam o homem moderno.

Termino me reportando a interrogação inicial Serão sintomas?. Sim, os sintomas estão aí. Resta á aqueles que lutam por uma consciência mais expandida, posicionar-se e ajudar as crianças e jovens a serem realmente livres e imunes a Peste Emocional e assim nos livrar do que é sempre o seu apogeu, a Guerra.



Figura: Soldier throwing flowers
Autor: Banksy



Luciano
Brasileiro
de Oliveira

● DIREITO

O BRASIL 2022

No ano em que a Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, completou seus cem anos, certamente o ano de 2022 será extremamente trabalhoso para os relatos dos historiadores.

Ano em que a nossa querida República Federativa do Brasil passou por solavancos institucionais inacreditáveis. Desde o término do chamado período de exceção, com o advento de uma democracia direta, onde todo o poder emana do Povo, nunca se vivenciou um ano tão dramático.

Diante deste quadro, reputo válido lembrar alguns conceitos e bases dogmáticas que talvez estejam esquecidos. Lembro, inicialmente, que a República Federativa do Brasil é subdividida em Municípios, Estados e a União Federal. Que estes entes, por sua vez, regem-se através de uma tripartição de poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Em tom escolar, o Executivo administra, o Legislativo cria normas de conduta e o Judiciário examina se a administração e as normas de conduta estão de acordo a lei maior de cada um dos entes federados.

Tudo isto está mais do que explicado na Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988. Aliás, a chamada Carta Cidadã é exaustiva em explicar e explicitar seus princípios, notadamente em relação ao princípio da tripartição dos Poderes. Uma das maiores Constituições Federais do mundo contemporâneo, nada ficou de fora. Talvez por isso seja tão complexa.

A tripartição dos Poderes carrega consigo uma regra de “ouro”: Os Poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário - devem ser independentes e harmônicos. E se repararmos bem o nosso Brasil 2022, o que mais falta aos Poderes da República são seus fundamentos basilares: Independência e harmonia.

Parece até simplório, se não fosse a complexidade destes dois fundamentos. Lidar com independência e harmonia exige sobretudo honestidade de intenções. Não há como ser independente se não existe uma honestidade institucional dos membros dos Poderes da República. Não há como existir harmonia onde não impera a honestidade institucional.

O que se observa é exatamente isto no Brasil 2022. A falta de honestidade institucional, gera uma confusão tamanha entre os poderes que desagua no que chamamos de falência do Estado. O Povo, de onde emana todo o poder, não crê no Estado.

Não crê no Estado que administra, não crê no Estado que legisla, não crê no Estado que julga. Não existe nada pior para uma Nação Soberana do que um povo que não crê nas suas instituições. Aliás, em termos de soberania internacional, uma Nação onde falta a crença do seu Povo nas suas instituições, é taxada de Nação fraca. E é exatamente o que o Brasil é hoje: uma nação fraca.

É preciso que as autoridades constituídas revejam, com urgência, seu modo de pensar e agir. O Brasil precisa, com urgência, de mais honestidade institucional e menos arroubos de poder. É exatamente isto que a população brasileira precisa para 2023. Espero que todos possam ter uma noite de Natal abençoada e um Ano Novo repleto de esperança, harmonia e paz.

Figura: Ondas 2022
Autor: AQ

● CRÔNICAS



Ellaine
Toledo

A MAIS PRECIOSA LIÇÃO, APENAS FLORESÇA!

Extraordinária e fascinante por sua beleza e simbologia, detentora de vários significados e altamente respeitada entre vários povos, entre eles os orientais, está a belíssima flor de lótus.

A flor de lótus é uma planta aquática que com sua exuberante beleza floresce sobre a água e a noite submerge, desaparecendo... e ressurgindo ao nascer do sol, o mais impressionante é que as suas raízes são fixadas na lama que existe no fundo dos lagos. Sem cerimônia, a natureza exhibe o seu melhor! O seu poder!

Branca, rosa, laranja e azul são as mais conhecidas, mas, existe uma variedade de cores fascinantes que desperta até mesmo o olhar mais desatento, impossível resistir ao extravagante espetáculo! A sua grande magia e mistério está em vencer a lama e com leveza transbordar elegância, graciosidade e beleza.

Logo, a natureza não nos oferece meramente uma beleza estonteante, mas também nos proporciona sábias lições, e se observarmos talvez essa seja a mais preciosa de todas: mesmo nascendo na "lama" podemos emergir e transbordar lindamente o que temos de melhor.

Ou seja, mesmo diante das dificuldades, maldades e situações difíceis, temos a habilidade de nos manter limpos e incontamináveis, apesar da "lama".

A mensagem é incontestável! Devemos respeitar os nossos limites e constantemente nos recolher, submergir e resgatar a nossa força e beleza interior, e principalmente, perceber que todos os dias temos a oportunidade e a capacidade de emergir, renascer junto com o sol e em bela e perfeita harmonia transbordar generosidade, atenção, respeito e amor. Todos os dias a natureza nos convida a florescer, aceite!

Apenas floresça, brilhe e deixe brilhar!

Sucesso!



Desenho Floresça.
AngelinaQuaglia, para Ellaine Toledo

● E SE A VIDA FOSSE UM FILME?



Beatriz
Berçott

ABARRACAR E VOLTAR PARA A QUIZOMBA

"(...) Era o que se chamava de "abarracar": quem tinha alguma ocupação saía de manhã, pegava no batente durante o dia e, à tardinha, voltava para a quizomba."

Lira Neto (2017), p.19
Do livro "As tias (e o avô) do samba"

O povo brasileiro e sua história, concentram certos atos e atores importantes, quando desejamos retratar no cinema, ou na fotografia, o dia a dia da nossa gente, e de seus costumes. São pessoas, que ao amanhecer, estão em pontos de ônibus, correndo para chegar ao trabalho, para "abarracar-se" e depois voltar à "quizomba"!

Ato e cena se misturam num gesto harmônico de vida, que chamamos de cidade.



Fotografias: Beatriz Berçott
Série: "Cidade à "abarracar-se",
e voltar para a quizomba"





Oswaldo
Amorim

● O TOM DA MÚSICA

SER MÚSICO É UM DOM?



Já perdi a conta de quantas vezes ouvi as frases:
_ Não tenho dom para a música
_ Ah, Fulano toca assim por que tem o dom.

Parece existir um inconsciente coletivo que tende a acreditar que ser músico é fruto de de um presente divino, de que a pessoa nasce com esse talento.

Claro que existem exemplos para corroborar essa idéia, mas a maneira como essa crença está arraigada em nossas mentes deveria representar um número significativo de músicos que nasceram com esse dom, quando na verdade fazem parte de uma minoria.

Mas afinal o que é Dom? O que é Talento? De acordo com a definição do antigo Google, nosso dicionário Aurélio, dom é: (1) dádiva, presente; (2) qualidade inata. De acordo com o dicionário Houaiss talento é: (1) inteligência notável, que se afirma por méritos excepcionais; (2) capacidade inata ou adquirida. Com base nessas definições posso afirmar então que sou desprovido de dom ou de talento, pelo menos de maneira inata, pois tocar um instrumento nunca foi algo fácil para mim.

Apesar de hoje ser considerado um músico talentoso, nunca tive a facilidade que notava em outras pessoas que tocavam algum instrumento. Eu mesmo duvidei da minha capacidade em me profissionalizar na música por acreditar nesse mito de que sem esse dom minha carreira como músico estaria fadada ao fracasso.

Desde muito novo a música sempre provocou um encantamento em mim. Era aficionado por discos e podia passar horas ouvindo música nas rádios. Vendo esse interesse minha mãe me matriculou em um Conservatório aos 9 anos, mas apesar de ter ficado um semestre não demonstrei evolução ou mesmo desenvoltura e acabei me desinteressando e saindo no semestre seguinte.



Fotografia fornecida pelo prof. Dr. Oswaldo Amorim

Continuei colecionando vinis e fitas cassetes até que meu pai me presenteou aos 11 anos com um violão. Fiz algumas aulas particulares, mas de novo devido a dificuldade e a lenta evolução me desinteressei. Porém, como o instrumento estava ali a minha vista, vez por outra tentava tocar alguma coisa e fui aprendendo com ajuda de amigos e pelas revistas de cifras (aquelas que continham a letra da música com os acordes cifrados e com a tablatura indicando a posição dos dedos). Fui evoluindo lentamente, mas era extremamente limitado no violão e por sugestão de um amigo (guitarrista) fui me aventurar no baixo elétrico aos 16 anos, quando ganhei de presente o pior baixo que já vi na vida. Foi paixão à primeira vista, ou melhor, a primeira tocada.

Comecei a ter aulas particulares e fui evoluindo rapidamente graças ao meu interesse, dedicação e a sorte de ter tido excelentes professores no início da minha carreira. O primeiro foi o maravilhoso Dôdo Ferreira e depois meu guru dos graves, Aurélio Dias. Com poucos meses no instrumento tive a sorte de formar, com amigos no Rio de Janeiro, a minha primeira banda de rock, o Grupo "Estranhas Mutações", o que me motivou ainda mais a tocar e estudar. Passava horas praticando e era nítida a minha evolução. Era uma constante busca pela superação e vontade de evoluir, o que me impulsionava cada vez mais em praticar e me aprimorar no instrumento.

Desde minha pré-adolescência sonhava em ser músico, mas por não ter músicos em minha família e por não acreditar em minha capacidade profissional na música, vi esse sonho esvaír-se aos 18 anos, quando seguindo os passos de meu pai, um dos maiores jornalistas que conheci, busquei outro curso. Porém, aos 20 anos, cursando Jornalismo na FACHA (Faculdade Hélio Alonso, meus pais são transferidos para Brasília e tenho a sorte de ingressar no CEP-EMB (Centro de Ensino Profissionalizante Escola de Música de Brasília). Passei então a estudar o Contrabaixo Acústico com os professores Tony Botelho e Ricardo Vasconcellos e canto lírico com o saudoso professor Francisco Frias, além de aulas teóricas e práticas contidas no currículo. Não tenho como descrever em palavras o encantamento que aquela convivência e aprendizado provocaram em mim. Foi algo transformador, como se minha existência no mundo finalmente ganhasse um significado. A Escola de Música me profissionalizou, me fez ter a certeza de que era aquilo que queria para minha vida. Fiz outro vestibular e abandonei o Curso de Jornalismo.

Aos 21, já cursando música na UnB e estudando com Jacques Von Frasnkievicz, passo na prova da Ordem dos Músicos do Brasil e tiro a carteira de músico profissional, o que na teoria me qualificava para tal. Claro que aquilo teve um simbolismo muito forte em mim. Tinha que estar a altura dos outros músicos que atuavam profissionalmente, e estava naquele momento muito aquém.

Foi quando, em Janeiro de 1992, aos 22 anos, tive a grande oportunidade de fazer o CIVEBRA (Curso Internacional de Verão da Escola de Música de Brasília), com um dos maiores nomes da história do contrabaixo, Nico Assumpção. Ele era um músico completo, e o curso com 21 dias de convivência foi algo revelador, que abriu inúmeras portas para o saber musical. Nico me fez enxergar a importância de saber não apenas tocar bem um instrumento, mas de conhecer e dominar os diferentes estilos musicais, de saber harmonia a fundo, de conhecer as melodias e as formas musicais, de saber ler e improvisar, enfim, mostrou o quão distante eu estava daquele exímio instrumentista e o quanto tinha que evoluir. Foi um choque de realidade, mas ao contrário de me deixar desanimado, como no passado, foi uma injeção de ânimo para estudar como nunca estudei até então. Parei de sair, de namorar, e passava o dia e noite adentro praticando, quando não estava tocando ou ensaiando com o Grupo Loga-Ritmo (Marlene Lima na guitarra e Wellington Vidal na bateria) entre outros que atuava na época. Tive consciência de que queria atingir aquele nível de músico que o Nico representava e que para tanto teria que estudar muito mais que a média dos outros músicos estudavam.

Em 1993, aos 23 anos sou convidado para ser professor de baixo elétrico da Escola de Música. Ao mesmo tempo que foi desafiador e motivo de orgulho, foi também um risco em me acomodar tão cedo em uma carreira como docente. Ainda não havia terminado o Curso de Licenciatura na UnB e sabia que tinha muito a aprender. Em 1994 peço para ser desligado como professor, a fim de poder me dedicar mais a carreira de músico.

Em 1997, querendo ampliar meus conhecimentos e realizar meu sonho de viver e estudar no exterior, concorro nacionalmente a uma vaga para o Programa APARTES do MEC (Ministério da Educação), e sou premiado com uma bolsa integral para estudar em Nova York, na Bass Collective, com um dos maiores baixistas de todos os tempos, John Patitucci. Desembarco em NYC no dia 04/01/1998 e a partir dali outro choque de realidade. Passei então a estudar 12h por dia e

assistir a todos os shows que sonhei em ver um dia. Terminei o curso e decido continuar morando na Big Apple, pois já estava tocando em vários trabalhos e conseguindo me manter com os shows. Aplico então para fazer o Mestrado em uma das melhores Universidades de Música dos EUA, Manhattan School of Music. Sou aprovado em Fevereiro de 1999 e além da vaga consigo 75% de bolsa. Em Maio de 2001 concluí meu Mestrado em Jazz Performance, sob a orientação do Mestre Jeff Andrews e sigo tocando de 5 a 6 shows por semana, com diversos músicos e grupos de diferentes estilos musicais.

No dia 11 de Setembro de 2001, senti pela primeira vez que não tenha controle sobre minha vida como imaginava. Da noite para o dia todos os shows se foram e sem perspectiva de volta. Times Square estava deserta e os habitantes da cidade que "nunca dormia" (até então) vagavam perdidos e desolados. A vida parecia sem sentido e vivenciei a depressão pela primeira vez. Um ano de incertezas até receber o telefonema do saudoso Carlos Galvão, músico e então Diretor da Escola de Música de Brasília, me convidando para lecionar no Curso Internacional de Verão do CEP-EMB em Janeiro de 2003 e me convencendo a ir antes e fazer o concurso da Secretaria de Educação (GDF) para professor efetivo daquela instituição que iria ocorrer em Novembro de 2002. Sem muito refletir, mas certo de que naquele momento estava infeliz em NY, aceito o convite e volto para lecionar na Escola que me profissionalizou.

A volta para a Escola de Música foi um presente em minha vida. Sou ainda mais realizado através da docência e pude retribuir um pouco por tudo que essa Instituição fez por mim. Nesses trinta anos como docente, sendo dez deles como professor particular e vinte como professor efetivo do CEP-EMB, tive a oportunidade de constatar (in loco) que muitos alunos que julgava extremamente talentosos não prosperaram como imaginava e outros tantos, que tinham muito mais dificuldade, tornaram-se grandes músicos. Aprendi com minha própria experiência e com todos esses anos de docência que a motivação, a dedicação e a disciplina são os principais formadores de grandes músicos. Nunca desista dos seus sonhos e evite comparações, pois cada ser é único e tem seu próprio tempo de assimilação.

Brasília, 05/12/2022.

Oswaldo Amorim



Fotografia fornecida pelo prof. Dr. Oswaldo Amorim



Fotografia: Angelina Quaglia
Gravação a música Soul Brasília, para o projeto 60 olhares sobre Brasília



Nós da Revista 15.47
desejamos um Ano Novo
repleto de esperança, saúde,
amor e muita paz!

Em nome de todos

Angelina Quaglia

Direção executiva, arte e edição

Revista 15.47.

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 11 (dezembro - edição 2022)

Brasília - Brasil Online

Bimestral

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

DIREÇÃO EXECUTIVA, ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

CONSELHO EDITORIAL:

ANDRÉ BERÇOTT
ANGELINA QUAGLIA
CYNTHIA NOJIMOTO
CAIO FREDERICO E SILVA
JOÃO DINIZ
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA COSTA
MARIA LUIZA JUNIOR
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

REVISÃO TEXTUAL:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
BEATRIZ BERÇOTT
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA
MALU PERLINGEIRO

DIAGRAMAÇÃO:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

CAPA:

ISABEL TORRES
PONTE JK

FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:

IDEM

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CONTATO@PARABOLOIDE.COM
(+55-61) 99914-0661
(+55-61) 98177-2538



PARABOLOIDE

